

CAROLINE YAMAZAKI

ESPAÇO CINEMATOGRAFICO NO SETOR HISTÓRICO DE CURITIBA - PR

Monografia apresentada à disciplina Orientação de Pesquisa (TA040) como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

ORIENTADOR(A):

Prof. Dr. Paulo César Braga Pacheco

CURITIBA

2012

FOLHA DE APROVAÇÃO

Orientador(a):

Examinador(a):

Examinador(a):

Monografia defendida e aprovada em:

Curitiba, _____ de _____ de 20__.

À minha família e amigos, com todo o carinho.

Agradeço à minha família, por todo o apoio e compreensão. Aos meus amigos que mesmo longe me motivaram a seguir em frente. Agradeço ao Professor Dr. Paulo Pacheco, por suas orientações inspiradoras, paciência e conhecimento.

*Unlike all the other art forms, film is able to seize and
render the passage of time, to stop it, almost to
possess it in infinity. I'd say that film is the sculpting
of time.*

Andrei Tarkovsky

RESUMO

Esta monografia pretende analisar o cinema através da sua conceituação teórica, procurando destacá-lo como elemento de sociabilização ao longo da história e destacar a importância do resgate desta função. Além disso, tem como objetivos o estudo de aspectos técnicos específicos das salas de exibição, analisar estudos de caso de acordo com sua relevância, propor um terreno para a implantação do projeto e suas condicionantes do entorno. A partir de pesquisas tanto bibliográficas como webgráficas pode-se fundamentar teoricamente o trabalho. A leitura da realidade foi feita com auxílio do levantamento em campo, que também propiciou a escolha do terreno mais adequadamente. Através dessa pesquisa, pode-se desenvolver as diretrizes projetuais, gerando um programa de necessidades, quadro de áreas com pré-dimensionamento e partido arquitetônico, que auxiliarão posteriormente na concepção do projeto arquitetônico.

Palavras chave: cinema, espaço cinematográfico, equipamento cultural

ABSTRACT

This monograph intends to analyze cinema through its theoretical conceptualization, highlighting it as an element of social development in history and the importance of restoring this function. Other objectives it contains are the study of technical aspects specific to exhibition theatres, the analysis of case studies based on its relevance, a proposition for a site for the project and an understanding for the conditions of its surroundings. Based on bibliographic and webgraphic research, the present work could be theoretically well-founded. The reality interpretation was done with the help of site visiting, which also allowed a better selection of the terrain. Through this research, project guidelines could be developed to generate a programme, pre-dimensioned table area and design approach, which will later assist architectural project conceptions.

Keywords: cinema, cinemathographic space, cultural equipment

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	10
1.2 OBJETIVOS	11
1.2.1 Objetivo Geral	11
1.2.1 Objetivos Específicos	11
1.3 JUSTIFICATIVAS	11
1.4 METODOLOGIA DE PESQUISA	12
1.5 ESTRUTURA DE PESQUISA	12
2. CONCEITUAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 HISTÓRIA DO CINEMA NO MUNDO	14
2.2 HISTÓRIA DO CINEMA NO BRASIL	16
2.3 O CINEMA NO PARANÁ E OS CINEMAS DE RUA	18
2.4 ACÚSTICA	23
2.4.1 Conceitos Gerais	23
2.4.2 Acústica na Arquitetura	26
2.4.3 Acústica no Cinema.....	30
2.5 VISIBILIDADE	32
3. ESTUDOS DE CASO.....	34
3.1 FILMOTECA DA CATALÚNIA - BARCELONA, ESPANHA.....	34
3.2 ARTSQUEST CENTER - BETHLEHEM, ESTADOS UNIDOS.....	44
3.3 CINEMATECA DE CURITIBA - CURITIBA, BRASIL.....	54
4. LEITURA DA REALIDADE.....	62
4.1 CENÁRIO ATUAL DOS CINEMAS EM CURITIBA	62
4.2 SETOR HISTÓRICO DE CURITIBA - BAIRRO SÃO FRANCISCO.....	65
5. ESTUDO DO LOCAL.....	72
5.1 LOCALIZAÇÃO E USOS DO ENTORNO.....	72
5.2 SISTEMA VIÁRIO	80
5.3 DIMENSÕES E TOPOGRAFIA	82
5.4 LEGISLAÇÃO.....	84

6. DIRETRIZES PROJETUAIS	87
6.1 PROGRAMA BÁSICO DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO ...	89
6.2 PARTIDO ARQUITETÔNICO.....	93
7. CONCLUSÃO	94
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRÁFICAS.....	95
9. FONTE DE IMAGENS.....	100

1. INTRODUÇÃO

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O cinema é a arte do som e imagem em movimento. Permeia as diversas faces da realidade, porém não apenas a representa mas também a reinventa: oferece ao espectador a concretização do imaginativo. De acordo com Thompson (1992 p. 41), “a vida aparece transfigurada pela visão cinematográfica, que a concentração da ação, no cinema, elimina as esperas, impaciências e tédios da vida”.

É primordialmente um instrumento de sociabilização, pois sua fruição se dá com um grupo de pessoas, o que conduz a uma nova relação entre arte e multidões. A arte, anteriormente restrita a poucos, se torna acessível e capaz de alcançar grandes públicos com o advento do cinema. Por sua reprodutibilidade, a arte cinematográfica também possibilitou um aprofundamento da percepção do homem moderno, e abriu espaço para a reflexão da própria realidade vivida. Duarte (2002) afirma que “o cinema, antes de ser uma escolha de caráter exclusivamente pessoal, constitui uma prática social importante e que atua na formação geral das pessoas” (DUARTE *apud* GALVÃO NETO, 2005).

O conceito de cinema é resumido nas palavras a seguir, retiradas da Nova Enciclopédia Barsa: “(...) um meio de comunicação de massa, uma arte coletiva, concebida como espetáculo que pode incitar à reflexão e ao mesmo tempo divertir ” (CINEMA, 2002, p. 210).

Com o intuito de divulgar o cinema, considerando todos os aspectos inerentes a essa arte, o presente trabalho propõe a elaboração de um projeto arquitetônico para um edifício que abrigue um cinema alternativo aos existentes nos *shoppings*, que apresente espaços para a discussão, reflexão, encontros e aprendizado acerca da arte cinematográfica.

A área escolhida para a implantação da proposta é o Setor Histórico de Curitiba, pela visibilidade, acessos e integração com outras atividades culturais, suprimindo um déficit por tal espaço cultural na cidade.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Explorar a história da arte cinematográfica, evolução de espaços e exemplos contemporâneos relacionados a ela para a fundamentação conceitual e teórica, ajudando na elaboração de um projeto arquitetônico para um novo equipamento cultural.

1.2.1 Objetivos específicos

- Conceituar o cinema, dentro de seu contexto histórico, observando as mudanças através do tempo e situando-o nos dias atuais.
- Estudar aspectos técnicos específicos das salas de exibição, que auxiliem a concepção adequada do espaço na etapa projetual.
- Analisar estudos de caso, de acordo com sua relevância e semelhança com o projeto, que possam auxiliar no desenvolvimento posterior do trabalho.
- Propor um terreno para a implantação do projeto e compreender os diversos aspectos do entorno em que se insere, destacando características tanto físicas como históricas e culturais.
- Elaborar diretrizes projetuais, como o programa de necessidades e pré-dimensionamento, do qual resultará uma tabela de áreas.

1.3 JUSTIFICATIVAS

O estudo é relevante por discorrer sobre um tema existente na memória coletiva local, que promove enriquecimento do espaço urbano, tendo por isso um papel social importante.

O tema também se justifica pela sua atualidade, bem como pela interdisciplinaridade decorrente da necessidade de estudo de áreas como adequação ambiental, dentro do qual podemos citar a acústica e as visuais, além da história cinematográfica e a arte de criar cinema.

Soma-se a isso o interesse pessoal pelo tema, que suscita a busca por um maior conhecimento sobre o assunto.

1.4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Os materiais utilizados para a pesquisa foram tanto bibliográficos como webgráficos, através de livros, teses, artigos, reportagens, ensaios entre outros, a partir dos quais pode-se fundamentar teoricamente o trabalho.

A escolha de estudos de caso baseou-se na sua diversidade programática, de abrigar várias funções que não apenas a de exibição cinematográfica, bem como sua relevância como partido arquitetônico, estrutura, relações com o entorno e composição do cenário local na promoção da arte do cinema.

O levantamento em campo, pela visita a um dos estudos de caso contribuiu para um melhor entendimento do programa e proposição do pré-dimensionamento.

A visita *in loco* do entorno foi importante para a escolha do terreno, bem como para a percepção espacial do mesmo, sua relações com edifícios vizinhos, com a infraestrutura viária e transeuntes.

As análises, principalmente em relação ao capítulo de estudo do local, foram apoiadas em material gráfico, retirados da web e de livros, ou modificados e feitos pela autora.

Baseado na pesquisa realizada, pode-se fundamentar as diretrizes a serem seguidas pelo projeto, com a elaboração de um programa de necessidades, pré-dimensionamento e partido arquitetônico.

1.5 ESTRUTURA DE PESQUISA

O trabalho está organizado em nove capítulos, sendo eles: Introdução, Conceituação teórica, Estudos de caso, Interpretação da realidade, Estudo do local, Diretrizes projetuais, Conclusão, Referências bibliográficas e webgráficas e Fontes de ilustrações.

No capítulo de Introdução, são descritos a delimitação do tema, os objetivos, justificativas, a metodologia de pesquisa e a estrutura de pesquisa.

No segundo capítulo, de Conceituação teórica, procura-se entender o cinema desde sua criação, aproximando ao cenário brasileiro e finalmente aos cinemas de rua de Curitiba. O estudo de acústica e visibilidade aplicada à arquitetura também pertence a esse capítulo, que descreve primeiramente conceitos gerais do som no ambiente para posteriormente aplicá-lo no espaço do cinema.

O terceiro capítulo apresenta três estudos de caso, edifícios dedicados ao cinema, sendo dois internacionais e um localizado em Curitiba. Analisa aspectos de inserção no entorno, áreas, disposição dos ambientes, estrutura e aspectos formais.

O quarto capítulo, Interpretação da realidade, traz um panorama dos cinemas públicos de Curitiba, bem como a análise do setor histórico de Curitiba, especificamente o Largo da Ordem.

O quinto capítulo, Estudo do local, está focado nas condicionantes do entorno imediato ao terreno, pelo levantamento de equipamentos importantes, sistema viário, topografia, dimensões e legislação do lote escolhido.

O sexto capítulo é consequência de todos os capítulos anteriores, no qual se desenvolve as Diretrizes projetuais, tendo como produtos um programa de necessidades, quadro de áreas com pré-dimensionamento e partido arquitetônico a ser adotado.

Apresenta-se uma conclusão do trabalho no sétimo capítulo, e os dois últimos capítulos, de Referências bibliográficas e webgráficas; e Fontes de figuras registra os materiais consultados para a realização do presente trabalho.

2. CONCEITUAÇÃO TEÓRICA

2.1 HISTÓRIA DO CINEMA NO MUNDO

Em dezembro de 1895, ocorre a primeira sessão pública de cinema, apresentada pelos irmãos Auguste e Louis Lumière através de seu cinematógrafo. Esse equipamento permitia a exibição de projeções de imagens em movimento em uma tela, dando início ao que hoje chamamos de "sétima arte".

No entanto, a invenção do cinema não ocorreu isoladamente, pois foi produto de duas grandes pesquisas científicas anteriores: a fotografia, em 1839 com a descoberta do sulfato de prata e da persistência da visão, característica ótica que permitia a "ilusão" do movimento através de imagens estáticas vistas com pequenas frações de segundo de diferença umas das outras. Essa característica possibilitou o pensamento direcionado para a arte do movimento, e em 1893, Thomas Edison inventa o Kinescópio. Porém seu aparelho permitia a fruição de apenas uma pessoa só, ao contrário do cinematógrafo exibido em telas para um público maior. Por essa razão, atribui-se a criação do cinema aos irmãos Lumière (MACHADO, 2010).

As primeiras exibições de cinema, entre 1895 e 1907, careciam de um espaço físico próprio, sendo muitas delas de caráter itinerante (HERZOG *apud* MENOTTI, 2002). De acordo com a conveniência, era mostrado em feiras, parques de diversão, quermesses, *vaudevilles* e cafés (MACHADO *apud* MENOTTI, 2002). Era apresentado das mais variadas formas (como espetáculo, curiosidade científica, junto à outra atividade), pois ainda estava descobrindo seu lugar no contexto de lazer da época.

A partir de 1905, surgiram os primeiros estabelecimentos para exibição de filmes, os chamados *nickelodeons*, do grego teatro (*odeon*) e da moeda níquel - que correspondia a cinco centavos de dólar.

Os *nickelodeons* eram na sua maior parte frequentados pela classe operária, e logo tornou-se um evento social: "...less formal than the regular theatre, and there is much more gossip and social life as if the foyer and pit were mingled." (ADDAMS *apud* ROSENZWEIG, 2002 p. 34).

Entretanto, logo quando possível, a indústria cinematográfica teve a intenção de acolher outros públicos, como a classe burguesa. Porém, os *nickelodeons* se

mostravam inadequados por sua precariedade e insalubridade, e o cinema já não mais se sustentava apenas por seu caráter de novidade. Era preciso uma reformulação dessas duas questões para que o público burguês viesse a frequentar os cinemas.

Assim, o que foi feito primeiramente foi a censura de cenas "amorais" de certos filmes, e o investimento em histórias mais elaboradas que prendessem a atenção do espectador. Procurava-se então o isolamento entre os espectadores, enquanto que a sociabilização aconteceria em um espaço separado da sala de projeção, os *foyers*.

Por volta de 1915 os *movie palaces*, ou palácios cinematográficos, surgem por uma demanda crescente do "boom" cinematográfico. Os *movie palaces* podiam abrigar até seis mil pessoas, o que acordava com o interesse dos estúdios de que seus filmes pudessem ser vistos pelo maior número de pessoas possível, já que o número de cópias era limitado e se desgastava com o uso.

Sua arquitetura se assemelhava muito à de teatros, e a sofisticação do espaço era o rebatimento físico da elitização do cinema. Ainda assim, o cinema continuava a ser um evento social, onde as pessoas saíam de casa para apreciar o filme e interagir com outros.

O som do cinema, que antes era produzido ao vivo por meio de acompanhamento por pianistas e outros músicos ou atores, vira parte do filme em 1927, através da invenção do *vitaphone* (vitascópio sonorizado). O aparelho funcionava através da sincronização entre a rotação do projetor com a rotação do fonógrafo que reproduzia um disco de vinil, este por sua vez ligado a um amplificador e este às caixas acústicas (MENDES *apud* MANZANO, 2003, p. 86).

Com o advento do som sincrônico no cinema, torna-se ainda mais evidente o isolamento do espectador no sentido de sociabilização, em que se anulava a presença de outras pessoas para ser "absorvido" pelo filme. Nessa época, a quebra da Bolsa de Nova York, com a crise econômica gerada, ocasiona o fechamento dos *movie palaces*, que não conseguem manter os luxuosos espaços com a falta de público.

A partir dos anos 1950, com a popularização da televisão, o cinema perde ainda mais seu espaço, retomando seu lugar a partir da nova concepção criada: o cinema é visto como espaço ideal de fruição de arte, ao passo que a televisão se mostra incompleta por não proporcionar a mesma experiência de um cinema.

Passa assim a existir o cinema muito semelhante ao que conhecemos hoje, sem espaços de convivência, apenas de passagem. O cinema se torna uma experiência individual de lazer, se tornando muitas vezes um programa banal feito no intervalo entre as compras no *shopping*.

2.2 HISTÓRIA DO CINEMA NO BRASIL

O cinema no Brasil tem uma trajetória peculiar pelo seu contexto histórico, sendo que sua primeira exibição ocorre nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro seis meses após a estréia mundial, em julho de 1896.

A primeira sala de cinema no país foi o Salão Novidades, no Rio de Janeiro.

No início do século XIX, a produção de filmes no Brasil começa a despontar de forma crescente, porém sendo realizada de forma restrita e com grandes dificuldades. Destaca-se nesse início o Eixo Rio-São Paulo, além de "realizações individuais e expressivos surtos regionais" (BILHARINHO, 1997, p. 31). São exemplos desses surtos regionais os ciclos de Minas Gerais, Recife, Amazônia e timidamente no Paraná.

Dois anos mais tarde do primeiro filme sonoro (*talkie*) ser exibido nos Estados Unidos (1927), o Brasil recebe esse novo tipo de cinema. Visto primeiramente com receio e rejeição, logo o *talkie* é assimilado e aceito pelos críticos. A época é caracterizada pela falta de domínio técnico do som, utilizado de forma indiscriminada (sem qualquer preocupação maior por sua seleção). Nessa década ainda, a crise econômica vivida no mundo acaba por influir negativamente na produção de cinema brasileiro, tendo que conviver também com a concorrência estrangeira principalmente norte-americana. Mesmo com essas dificuldades, os estúdios da Cinédia são criados pelo empresário Adhemar Gonzaga em 1931.

A década de 40 tem como destaque o gênero da Chanchada, definida como "filmusicarnavalesco" por Regina Paranhos Pereira (1967), um tipo peculiar de comédia de apelo popular misturada com musical. Ao final da década de 1940, o estúdio Vera Cruz é criado, representando "o desejo de diretores que, influenciados pelo requinte das produções estrangeiras, procuravam realizar um tipo de cinema mais sofisticado" (BILHARINHO, 1997, p. 68).

Surgem na década de 50 duas tendências distintas: a realista e a intimista. A realista tinha grande preocupação social, enquanto que a intimista possuía motivação psicológica (BILHARINHO, 1997, p. 71). Nessa época os filmes encontram-se em ascensão, com alta produtividade, qualidade e diversas temáticas.

Com a difusão da televisão, o cinema busca novos caminhos daqueles traçados anteriormente, e o cinema de cunho independente surge com o nome de Cinema Novo, na década de 60. Nele, há uma forte temática social, caracterizado também por produções pequenas e rápidas e destacando-se produções regionais. A grande força motivadora era a promoção de uma verdadeira transformação social e política, nas palavras de Bilharinho : "preocupação e intenção básica de descobrir, estudar, conhecer, interpretar, focalizar, revelar e recriar esteticamente a realidade social brasileira e influenciar o contexto" (1997, p. 87).

Com o golpe militar em 1964, o cinema brasileiro sofre uma grande mudança, com forte censura do Cinema Novo por parte do estado. A produção cinematográfica da década de 70 é conhecida como "udigrudi" (paródia com a palavra *underground* do inglês) ou cinema marginal, de caráter experimental, sem qualquer preocupação com a crítica ou com a bilheteria. Decorre da conscientização e de um profundo sentimento de impotência frente à realidade. Se por um lado o estado criava barreiras para a livre expressão, por outro tomou medidas nacionalistas como a criação da estatal Embrafilme, com papel importante na produção de filmes brasileiros.

No início dos anos 1990, com o governo de Collor, há a entrada desenfreada da concorrência do cinema estrangeiro, o que diminui drasticamente a produção nacional de longa-metragens, desenvolvendo-se porém os curta-metragens, documentários e animações, período chamado de "primavera dos curtas" (LABAKI *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 15).

Após a crise o cinema se reergue no que é conhecido como "Retomada" do cinema brasileiro, com ajuda das Leis de Incentivo. Os longa-metragens retomam novamente seu espaço, com uma grande variedade de temas, sem nenhuma tendência predominante.

2.3 O CINEMA NO PARANÁ E OS CINEMAS DE RUA

A primeira exibição de cinema no Paraná ocorreu em 1897, de acordo com a Secretaria de Estado da Cultura, na cidade de Curitiba no antigo Teatro Hauer. Porém, apenas alguns anos mais tarde o cinema se popularizou na cidade, através do jovem imigrante Francisco Serrador. Por volta da década de 1910, Serrador com sua visão empreendedora adquire o cinematógrafo e a partir daí começa a exhibir, em meio a salas improvisadas, a novidade da imagem em movimento (CRISTO, 2010).

Com os lucros obtidos pela exibição, que atraía um número crescente de espectadores, Serrador pôde instalar salas de projeção próprias, na região da Boca Maldita, no Centro de Curitiba. Meses depois, o jovem comerciante se muda para o Rio de Janeiro, onde vê a possibilidade de difusão do cinema e um maior retorno financeiro, construindo uma sólida carreira (CRISTO, 2010).

O ato de "ir ao cinema" na década de 1930 não era simplesmente visto como um programa de lazer, mas de exibição de um *status* social. Caminhar pela rua XV de Novembro, asfaltada em 1926, significava encontrar-se com outras pessoas, sociabilizar-se. Em meio a essa realidade, os cinemas se estabelecem como ponto de encontro, carregados do luxo e elegância da concepção de um evento social da época (CRISTO, 2010).



Figura 01: Mapa dos Cinemas de Rua de Curitiba

Fonte: A autora, baseado no livro 24 quadros - 2010

Legenda:

- 01- Cine Lido (1959-1997) ;
- 02 - Cine Arlequim (1955-1979);
- 03 - Cine América (até 1960);
- 04 - Cine Curitiba (1942-1968);
- 05 - Cine Odeon (1934-1952);
- 06 - Cine Ópera (1942-1979);
- 07 - Cine Plaza (1964-2006);
- 08 - Cine Palácio (1950-1971);
- 09 - Cine Avenida (1929-1988);
- 10 - Cine Broadway (1936-1953);
- 11 - Cine Ritz (1948-1962);
- 12 - Cine Glória (1982-1991);
- 13 - Cine Scala (desde 1969);
- 14 - Cine Rívoli (1961-1982);
- 15 - Cine Groff (1981-1997);
- 16 - Cine Luz (1939-1961);
- 17 - Cine São João (1960-1997);
- 18 - Cine Vitória (1963-1987).

Dentre as salas de cinema em Curitiba (Figura 01), as três maiores estavam localizadas na Avenida Luiz Xavier: o Avenida, o Ópera e o Palácio.

O Cinema Avenida era o maior símbolo da Cinelândia Curitibana, tendo sua primeira exibição de filme em maio de 1929, com "Moulin Rouge". O Cinema Avenida também foi pioneiro na exibição de filmes em 3D, apesar de não ter interessado tanto ao público no começo.

O Cine Palácio (figura 02) abrigava não apenas a atividade cinematográfica mas também teatros, musicais, óperas e conferências. Seu revestimento era todo em madeira, com a cobertura de zinco e paredes laterais de tijolo. A acústica do local em dias chuvosos porém era ruim, pois o barulho de chuva sobre a cobertura de zinco atrapalhava a audição do filme. O Cine Palácio sofreu diversas intervenções, abrindo por exemplo uma nova entrada pela Rua Voluntários da Pátria. O cinema foi interditado por risco de desmoronamento em 1971, voltando seis anos mais tarde com o nome de Cine Astor e tendo seu fechamento definitivo em 2000, por decorrência de um incêndio (CRISTO, 2010, p. 33).



Figura 02: Cine Palácio

Fonte: Casa da Memória

Além desses cinemas, podemos destacar ainda o Cine Luz (figura 03), o segundo edifício construído apenas com a função de cinema, dez anos depois do Cine Avenida. O Cine Luz possuía "além das luzes multicoloridas, os melhores equipamentos sonoros, as poltronas mais confortáveis, o melhor ambiente" (CRISTO, 2010, p. 45). Tudo para agradar a elite da sociedade curitibana, que ganharia mais um ponto de encontro com sua inauguração.



Figura 03: Cine Luz

Fonte: Casa da Memória



Figura 04: Antigo Cine Morgenau, instalado na Sociedade Morgenau em 1919

Fonte: 24 quadros - 2010

Porém, nem todas as salas de cinema eram destinadas ao público elitizado. Outras salas para as classes menos favorecidas também existiam pela cidade, como o Cine Morgenal, fundado em 1919 e considerado o cinema mais antigo do Paraná.

O Cine Morgenal contava com 208 lugares, assentos sem estofamento, localizado na Rua Schiller, no atual Bairro Cristo Rei. Esse cinema conhecido como cinema de bairro fazia baldeações de bobinas dos filmes, que percorriam outros cinemas também de pequeno porte.

Pode-se dizer que a difusão do cinema em larga escala pela cidade se deve muito aos cinemas de bairro como o Morgenal, pois o deslocamento para locais distantes se tornava um empecilho para possíveis espectadores. Assim, os cinemas de bairro atendiam os mais variados públicos, mesmo que em menor quantidade.

O Paraná fez parte do movimento Cineclubista, o qual se espalhou por todo o país a partir da ditadura militar. Os cineclubes tinham como principal atividade "romper o cerco cultural imposto ao país, trazendo de fora filmes que jamais seriam distribuídos pelo circuito nacional" (ALMEIDA, 2008, p. 10). Assim, além de promover a discussão sobre cinema, os Cineclubes também defendiam a liberdade de expressão, sendo portanto um movimento engajado socialmente.

Paralelo a isso, há a criação da Cinemateca em 1975, onde cinéfilos curitibanos se encontravam para ver e discutir cinema. A criação de filmes nessa época se concentrava tanto na recém criada Cinemateca, quanto na Universidade Católica do Paraná e no antigo CEFET, época de grandes dificuldades e esforços para a consolidação dessa arte na região. A partir de 1986, Paulo Munhoz organiza a produção cinematográfica criando a AVEC - Associação de Vídeo e Cinema: a produção se consolida, atingindo seu amadurecimento atualmente.

2.4 ACÚSTICA

2.4.1 Conceitos gerais

Alguns conceitos gerais sobre o som como sua propagação, produção, e outras características devem ser conhecidos para entendermos a acústica dentro da arquitetura.

O som pode ser classificado em dois tipos: os sons musicais e os ruídos (CARVALHO, 1967). Os sons musicais produzem uma sensação agradável, enquanto que o ruído é um som seco, altamente amortecido: som considerado desagradável, que interfere no conforto acústico das edificações.

A produção do som é feita pela fonte sonora, e sua propagação possui características próprias: altura, velocidade e comprimento de onda. A altura é a frequência (número de oscilações completas da onda por segundo) que permite diferenciar o som grave do agudo, enquanto que a velocidade se diferencia pelo tipo de material do meio: quanto mais rígido o material, maior sua velocidade.

A intensidade ou volume do som determina o nível de som que cada fonte sonora transmite, tendo como condicionantes a distância com a fonte sonora, a energia sonora inicial, número de reflexões e altura do som. A intensidade é medida em decibél (dB) e diminui proporcionalmente ao quadrado do afastamento da fonte sonora. Quando esse nível chega a 120 dB, torna-se lesivo ao ser humano.

Outra característica do som é o timbre: sons com a mesma frequência mas oriundos de instrumentos diferentes são distinguidos pelo timbre.

O som se propaga a partir de ondas esféricas concêntricas produzidas pela vibração mecânica, através de um meio, sendo este normalmente o ar. A velocidade nesse meio é de 330 m/s.

O raio sonoro é denominado o trajeto percorrido por um ponto de uma onda de som. Quando um som é refletido em um obstáculo, ele volta mais fraco, pois parte da energia é refletida e outra parte é absorvida. O ângulo de incidência do raio sonoro é igual ao seu ângulo de reflexão, como mostrado na figura 05 a seguir.

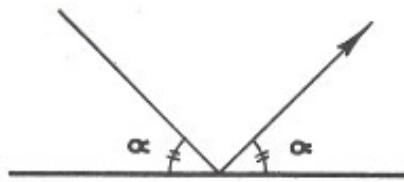


Figura 05: Ângulo de Incidência e reflexão do som, em superfície plana

Fonte: CARVALHO (1967)

Superfícies com formas diferentes influem na difusão do som: quando a superfície é plana, o som se difunde como já mostrado. Quando a superfície é convexa, a difusão é maior ainda, enquanto que no caso da superfície côncava, produz-se uma concentração sonora em um ponto chamado de foco (figura 06).

O foco deve ser sempre evitado nos auditórios, se encontrado na altura dos ouvidos dos espectadores.

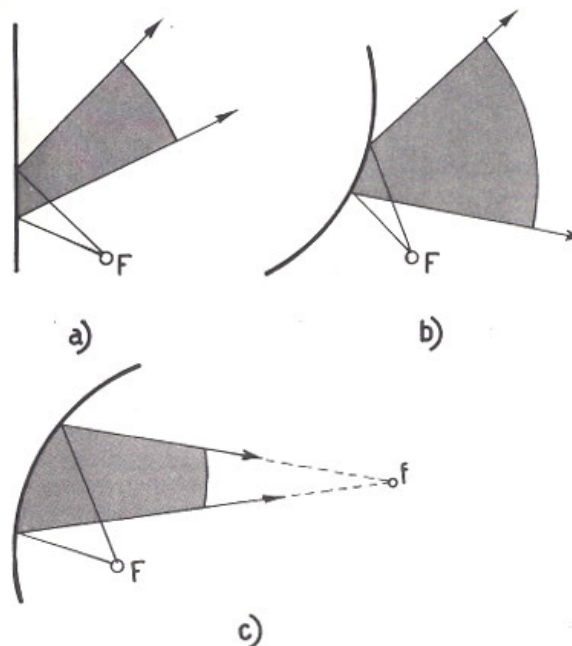


Figura 06: Comportamento do som em diferentes superfícies

Fonte: CARVALHO (1967)

Lugares fechados de grandes dimensões podem estar sujeitos ao efeito de eco, pois este é gerado por distâncias muito longas entre a fonte e o espectador. O eco é um efeito indesejável, definido como a repetição de um som que chega ao ouvido por reflexão, 1/15 de segundo ou mais depois do som direto. Esse intervalo de tempo é suficiente para que sejam distintos dois sons iguais, porém de

intensidades diferentes. Para que o eco não ocorra, a distância ideal entre a fonte e o receptor deve ser menor que 22 metros (EVEREST, 2009).

A reverberação é o "som residual" devido à reflexões múltiplas, que se demasiada causa ao ouvinte uma sensação desagradável de zumbido.

Quando as ondas sonoras de um som direto com um refletido se encontram, diz-se que houve uma interferência (CARVALHO, 1967). Se as compressões das duas ondas coincidirem entre si, é caracterizado como ressonância, produzindo um som mais forte que o original. Se as compressões de uma onda coincidirem com as rarefações da outra onda, anula-se a onda.

O fenômeno denominado difração sonora ocorre quando um obstáculo apresenta um orifício: o som se propagará a partir do centro desse orifício, como mostrado na figura 07.

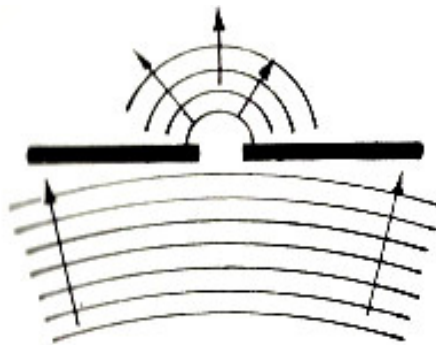


Figura 07: Difração sonora

Fonte: CARVALHO (1967)

Se o obstáculo é de pequena dimensão, ocorre a difração por reflexão (figura 08). Muitas vezes a solução adotada para melhorar a acústica de um ambiente é colocar tiras intercaladas de material acústico para obter a difusão sonora. Já a onda refratada é o resquício de onda que atravessa o material.



Figura 08: Difração por reflexão

Fonte: CARVALHO (1967)

2.4.2 Acústica na arquitetura

O estudo da acústica no campo da arquitetura é fundamental na elaboração de projetos que, pela sua peculiaridade, exigem uma preocupação maior em relação ao som do ambiente, transmitido ou recebido. Assim, pela natureza do projeto a ser elaborado, justifica-se um estudo mais aprofundado nesse aspecto.

O comportamento do som nos recintos fechados depende de três fatores: a forma interna, a capacidade de absorção sonora e o volume do compartimento (CARVALHO, 1967).

Em relação à forma interna, a forma das superfícies que consistem no invólucro do ambiente é o que define as reflexões sonoras, pelos ângulos e distâncias entre fonte sonora e superfície.

Na figura 09, mostra-se um exemplo de controle direcional do som para um melhor aproveitamento acústico. O som direto necessita do som refletido para que não produza uma sensação desagradável de interrupção abrupta. Quando isso existe, os ambientes são classificados como "mortos" ou "surdos".

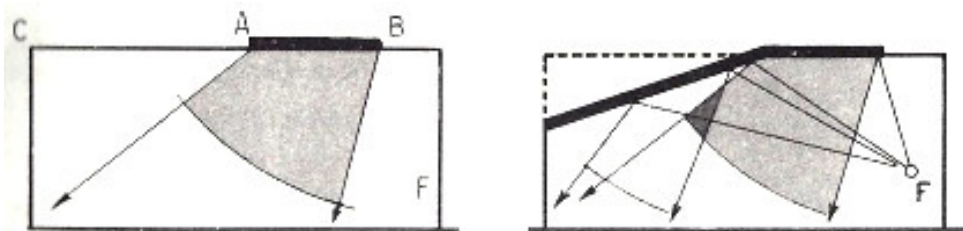


Figura 09: Controle direcional do som

Fonte: CARVALHO (1967)

Quando a superfície reflexiva é côncava, há a presença do foco como anteriormente mostrado (figura 06). Para anular esse efeito indesejado, pode-se adicionar pequenos perfilados convexos sem ocasionar uma mudança da forma geral. Cada perfilado possui um raio que direciona, então, o som para diferentes pontos, anulando o foco.

Um outro fator a ser considerado no comportamento do som dentro de um recinto fechado é a absorção sonora, quando a fonte e o receptor se encontram no mesmo ambiente, para medir a qualidade acústica no local em questão. Para isso, os parâmetros utilizados são o tempo de reverberação e a inteligibilidade do som (PROCEL, 2011).

Os tipos de materiais de revestimento além da configuração espacial do local são usados no controle da absorção sonora, medido pelo coeficiente de absorção alfa. Tal coeficiente alfa é inerente a cada material de construção, variando de acordo com suas características de porosidade, rigidez, forma, além da frequência de cada som emitido (grave, médio ou agudo) (tabela 01).

Logo, materiais porosos e fibrosos são mais eficazes como absorvedores sonoros em altas frequências, ressonadores e membranas em médias frequências e baixas frequências .

São exemplos de materiais porosos e fibrosos: tecidos e cortinas, massas porosas, poliuretano, aglomerados de cortiça e fibras minerais como lã de rocha. A propagação sonora nesse tipo de material acontece através de rebatimentos sucessivos em poros interconectados, o que faz com que a energia sonora seja perdida. Para a melhor absorção deve-se colocar o material a uma distância considerável das paredes ou superfícies, porém quando o comprimento da onda é muito grande, demanda uma espessura muito grossa de material, o que torna inadequado o seu uso para absorção em baixas frequências (D'ANTONIO, 2004).

Os materiais ressonadores são sistemas formados por cavidades com estreitas aberturas, geralmente colocados junto às superfícies do ambiente (paredes ou teto). Já as membranas são materiais de fina espessura que funcionam através da vibração de sua estrutura, perdendo calor pela fricção de suas fibras quando o material entra em flexão. São fabricadas normalmente em painéis de madeira ou PVC. Nesses dois sistemas, tanto materiais ressonadores como membranas são colocados a uma certa distância da superfície, havendo uma camada de ar entre os dois. Nesse espaçamento criado, há também a colocação de um material poroso. O espectro de frequência absorvida dependerá da distância entre o material e a superfície: em distâncias maiores, serão absorvidas frequências mais baixas, já que estas possuem um comprimento de onda maior (D'ANTONIO, 2004).

Material	Espessura (cm)	Frequência (Hz)					
		125	250	500	1k	2k	4k
Lã de rocha	10	0,42	0,66	0,73	0,74	0,76	0,79
Lã de vidro	10	0,29	0,55	0,64	0,75	0,80	0,85
Feltro	1,2	0,02	0,55	0,64	0,75	0,80	0,85
Placas de cortiça sobre concreto	0,5	0,02	0,02	0,03	0,03	0,04	0,04
Tapete de lã	1,5	0,20	0,25	0,35	0,40	0,50	0,75
Reboco áspero, cal		0,03	0,03	0,03	0,03	0,04	0,07
Concreto aparente		0,01	0,01	0,02	0,02	0,02	0,03
Parede de alvenaria		0,02	0,02	0,03	0,04	0,05	0,07
Vidro		0,18	0,06	0,04	0,03	0,03	0,02
Tapete 5 mm sobre feltro (5 mm)	1,0	0,07	0,21	0,57	0,66	0,81	0,72
Madeira compensada de 3 mm, a 50 mm da parede, espaço vazio	0,3	0,25	0,34	0,18	0,10	0,10	0,05
Chapa de papelão-gesso, de 9,5 mm, sem furos, na frente de espaço de 50 mm preenchido de lã mineral	14,5	0,33	0,12	0,08	0,07	0,06	0,10
Forro de gesso perfurado c/ manta de lã de vidro	2,0	0,68	0,90	0,78	0,65	0,50	0,45
Cortina de veludo		0,14	0,35	0,55	0,72	0,70	0,65

Tabela 01: Coeficiente de absorção de acordo com a frequência

Fonte: <http://www.bibl.ita.br/xvencita/CIVIL05.pdf>

Para determinar a qualidade acústica de um ambiente, observa-se o tempo de reverberação, que tem seu valor ideal diferente de acordo com a função de cada ambiente.

Quando uma onda sonora é transmitida, ela chega até a parede e parte de sua energia é absorvida, transformando-se em calor e dissipando pelo ar. Outra parte da energia é refletida e transmitida novamente em sentido contrário, para dentro do ambiente. O receptor que se encontra entre a fonte sonora e a parede receberá então as duas ondas: a transmitida pela fonte e a refletida pela parede. O tempo de reverberação é o intervalo em que é percebida a onda sonora quando a fonte não mais transmiti-la.

O tempo de reverberação ótimo pode ser visto na figura 10 a seguir, retirado da NBR 12179 de 1992. Ele varia conforme o volume do ambiente e sua função.

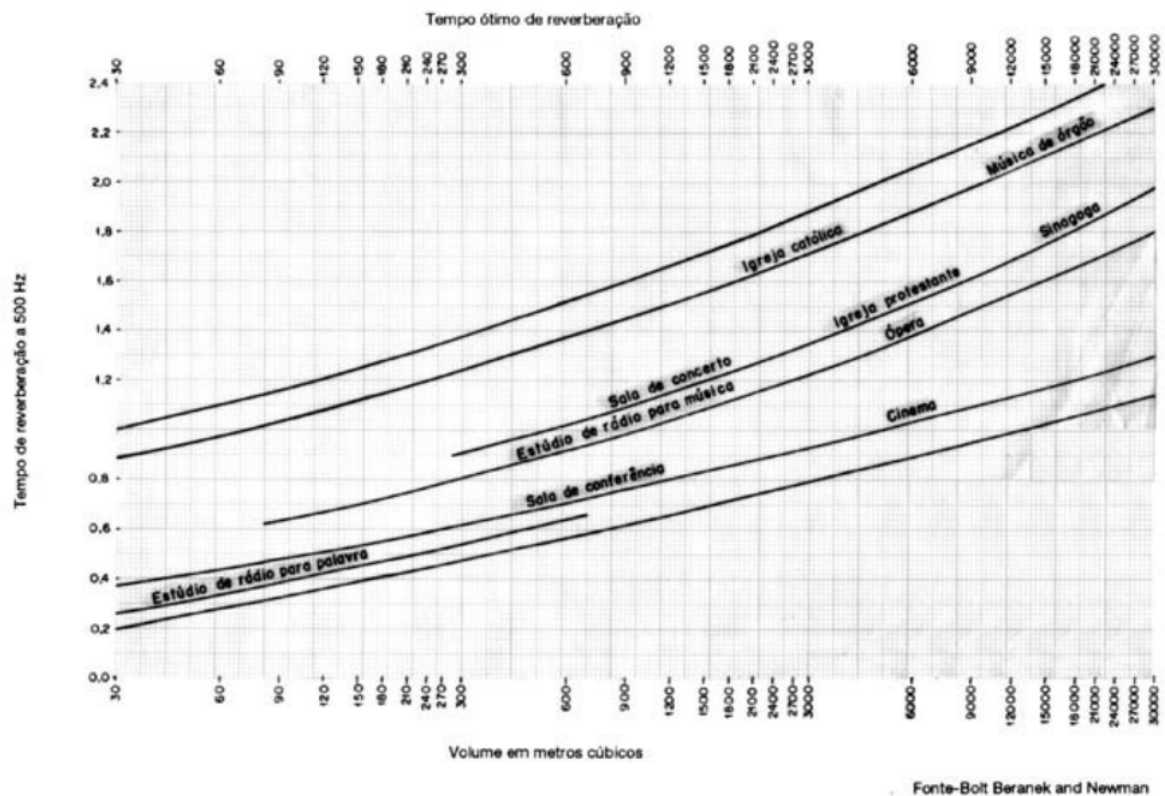


Figura 10: Tempo ótimo de reverberação

Fonte: NBR 12179 (1992)

O volume do compartimento deve ser considerado também como influente no comportamento do som. Wallace Clement Sabine, físico fundador da acústica arquitetônica, descobriu que a disposição dos materiais e suas formas não interferiam na reverberação, apenas a área de suas superfícies e seus coeficientes de absorção sonora. O físico elaborou então a seguinte fórmula, para o cálculo do tempo de reverberação:

$$T = \frac{0,162 \cdot V}{A}$$

Na qual:

T= tempo de reverberação em segundos.

V = volume do compartimento em metros cúbicos

A= coeficiente de absorção total, dado pela soma dos produtos dos coeficientes de absorção com as áreas correspondentes a cada material.

O tempo de reverberação ideal dependerá da função do compartimento, sendo em igrejas e salas de concerto um tempo longo, salas de música um tempo

médio, salas de cinema um tempo um pouco mais reduzidos, e estúdios destinados à gravação falada um tempo menor possível (CARVALHO, 1967).

Para que o recinto possua uma acústica ideal, é necessário também entender a transmissão sonora.

A transmissão sonora é quando a fonte e o receptor estão em ambientes separados, e determinará o nível de ruído transmitido através dos materiais constituintes do edifício. Possui como parâmetro a intensidade sonora em decibéis, e para evitá-la ao máximo, é necessário o uso de materiais com massa elevada, que dissipem a energia e não a transmitam para o próximo ambiente (PROCEL, 2011).

Existem duas maneiras para diminuir a transmissão sonora: o uso da lei da massa, e o uso da lei da massa mola massa.

A lei da massa diz que a cada vez que se duplica a massa da parede, o ruído diminui de 4 a 5 dB; essa solução pode ser usada, porém acrescenta grande carga à estrutura do edifício.

A lei da massa mola massa apresenta paredes duplas separadas por um material de grande absorção como a lã de vidro. Esse sistema permite uma economia de material pela sua descontinuidade bem como uma eficiência maior no isolamento acústico, já que possui um elemento de alta elasticidade.

2.4.3 Acústica no cinema

Nas salas de cinema, a adequação acústica tem papel importante na fruição do filme, fazendo parte dele desde a sua criação: mesmo na época do cinema mudo, a imagem era acompanhada por pianistas ou atores que emprestavam sua voz ao vivo ao personagem das telas. Apesar da grande diferença entre o som atual e o do passado, ambos são participantes na experiência cinematográfica.

O som no cinema nos envolve, emociona, nos carrega para dentro do filme. A acústica portanto, não deve ser relevada a uma mera característica do ambiente, mas sim como peça fundamental dentro do projeto em questão.

O projeto para salas de cinema é semelhante ao de auditórios (MARCO, 1990, p. 112), em relação as características ideais para obter uma solução acusticamente adequada. Para volumes e tempos de reverberação maiores, a inteligibilidade se torna cada vez pior: assim, é de extrema importância que o som que chega à platéia seja o mais direto possível da fonte, sem reflexões ou sendo

apenas refletida uma única vez. As ondas de primeira reflexão normalmente se originam de superfícies próximas as fontes, percorrendo um caminho não muito diferente do som direto.

O tempo de reverberação ótimo, como visto anteriormente pela fórmula de Sabine, é inversamente proporcional à absorção e diretamente proporcional ao volume do ambiente: sabendo-se disso, pode-se calcular o volume por pessoa para que a reverberação seja ideal. No caso dos cinemas, esse volume é de 4,15 m³, quando existir alto-falantes direcionais. Quando não existirem alto-falantes direcionais, o tempo de reverberação poderá ser um pouco menor (CARVALHO, 1967).

Considera-se a intensidade do som da fonte de 65 dB, permitindo uma audibilidade maior em relação ao fundo da sala, ao compararmos com o auditório de palavra. Porém, deve-se evitar a defasagem entre o som e imagem, que poderá ser perceptível a partir de 1/7 de segundo, o que significa uma distância de 50 metros da fonte (MARCO, 1990). Portanto, o comprimento maior que 50 metros entre fonte e platéia deve ser evitado no projeto para cinemas.

O isolamento acústico em relação às fontes externas de ruído demanda também uma maior atenção em projetos com essa função. A sala de projeções deve ser revestida de material absorvente, inclusive a janela de projeção, sendo normalmente equipada de janelas duplas. O tratamento da parede por detrás da tela deve ser feito com material de alta absorção acústica.

2.5 VISIBILIDADE

A configuração espacial dos cinemas está atrelada à curva de visibilidade, a partir da qual pode ser calculada uma altura mínima ideal para que cada usuário possa enxergar a tela sem grandes interferências. O mesmo cálculo de visibilidade é utilizado em teatros e auditórios, já que nesses casos a audibilidade também está relacionada à visualização.

De acordo com Carvalho (1967), estipulando-se o tamanho e a localização da tela, em corte, traça-se um ângulo de 30° do topo da tela até uma linha paralela ao piso, de 1,10m (altura do olho do espectador). Na intersecção dessas duas linhas, se encontrará a primeira fileira. A partir dessa fileira, traça-se as seguintes, distantes 0,90 m uma das outras. Cada fileira terá cadeiras intercaladas, e portanto a interferência se dará a 1,80 m, como mostra a figura 11.

Considerando a altura de visão do espectador da primeira fileira como centro, traça-se uma circunferência de 0,13 m, que corresponderá a cabeça do mesmo espectador. A partir da parte inferior da tela, traça-se uma reta tangente à circunferência: sua intersecção com a terceira fileira, distante 1,80 m da primeira, será então a altura de visão desse usuário.

Repete-se o mesmo procedimento para o restante das fileiras, formando assim a curva de visibilidade. Lembra-se, no entanto, que essas dimensões são as mínimas desejáveis, podendo-se utilizar maiores alturas como visto atualmente nas salas de cinema.

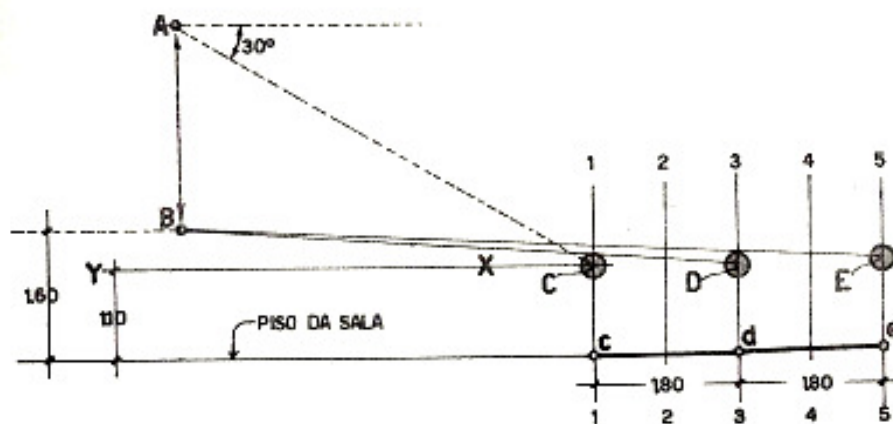


Figura 11: Traçado da curva de visibilidade para cinemas.

Fonte: CARVALHO, 1967

Em relação aos lugares dispostos em planta, existe uma zona de má visibilidade, apresentada na figura 12, em que se deve evitar a colocação de lugares. Isso porque se o espectador olhar qualquer ponto da tela em um ângulo maior que 40 graus, terá destruída a ilusão de realidade (CARVALHO, 1967). Traçando-se o raio da primeira fileira, de no mínimo 9 metros, e linhas paralelas aos limites da tela, pode-se então determinar os ângulos de 35 e 40 graus, que formam a zona de má visibilidade.

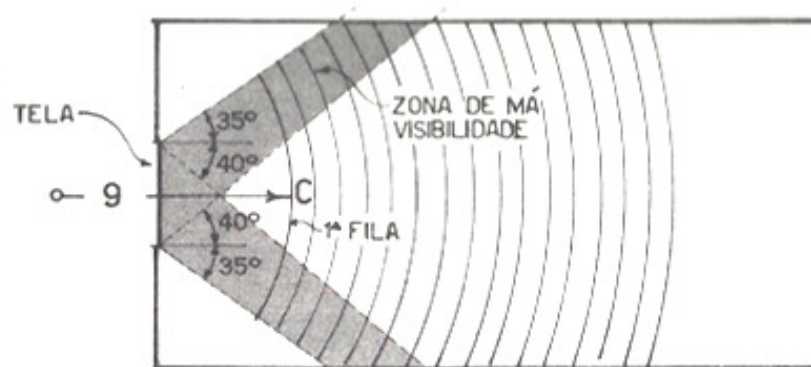


Figura 12: Zona de má visibilidade.

Fonte: CARVALHO, 1967

3. ESTUDOS DE CASO

3.1 FILMOTECA DA CATALÚNIA - BARCELONA, ESPANHA

Josep Lluís Mateo 2004 / 2011

A Filмотека da Catalúnia foi desenvolvida pelo arquiteto Josep Lluís Mateo em 2004, vencedor do concurso público para tal edifício. Abriga duas salas de projeção, assim como cafeteria, biblioteca, galeria e salas de escritórios do ICIC (Instituto Catalão das Indústrias Culturais), cliente para o qual o projeto foi proposto.

O projeto foi desenvolvido em 2004 e 2005, e as obras iniciaram-se em 2007 até sua conclusão em 2011. A área total construída foi de 7.512 m², com um custo estimado de 12 milhões de euros.



Figura 13: Entorno do terreno da Filмотека da Catalúnia

Elaborado a partir da fonte: GoogleMaps



Figura 15: Filmoteca da Catalúnia

Fonte: Adria Goula (2011)

A estrutura deriva da configuração espacial pensada para o edifício: dois volumes retangulares, um abaixo do solo e outro acima do solo. Para os dois volumes, são pensados conceitos diferentes de estrutura: para o volume abaixo, onde estão os cinemas, são necessários grandes vãos sem interrupção de pilares, e paredes reforçadas tanto para a acústica quanto pela pressão exercida pelo solo. O volume superior se apresenta como um bloco de concreto horizontal, com balanço nas duas extremidades e fachadas que também servem como estrutura, para liberar de pilares os andares (figura 15).

Em relação à estética, a Filmoteca da Catalunha foi concebida como um edifício "em construção", como massa e volume sem detalhes (DESIGNTECTURE, 2012). O principal material utilizado foi o concreto, sem qualquer tipo de acabamento. O aspecto "inacabado" do edifício é reforçado ainda por deixar aparente os cabos de aço da estrutura pré-tensionada. Na fachada longitudinal (figura 17), contrária à vista da praça, foram colocados elementos para filtrar a luz solar, feitos de arame e chapas metálicas. Segundo o arquiteto, essas telas contêm uma vaga referência cinematográfica, e ainda servem como filtros, mediadores para as interações entre os edifícios do entorno, que se apresentam muito próximos uns aos outros pela configuração espacial antiga.

Quanto ao uso, a presença da Praça Salvador Segui na lateral dá maior visibilidade ao edifício e facilidade de acessos. Na fachada sul longitudinal (figura 16), observa-se uma grande abertura no espaço destinado à biblioteca, fruindo da vista para a praça e para a rua.



Figura 16: Fachada Sul da Fimoteca

Fonte: Adria Goula (2011)



Figura 17: Fachada Norte da Fimoteca

Fonte: Adria Goula (2011)

Em relação ao programa, as duas salas de projeção se encontram no subsolo, contando com 184 e 360 lugares, respectivamente. A obra então tem como princípio duas direções de movimento: a descendente, que leva à escuridão dos cinemas e a ascendente, em direção à luz, aos espaços de trabalho.



Figura 18: Acesso térreo da Filmoteca

Fonte: Adria Goula (2011)



Figura 19: Circulação para as salas de cinema

Fonte: Adria Goula (2011)

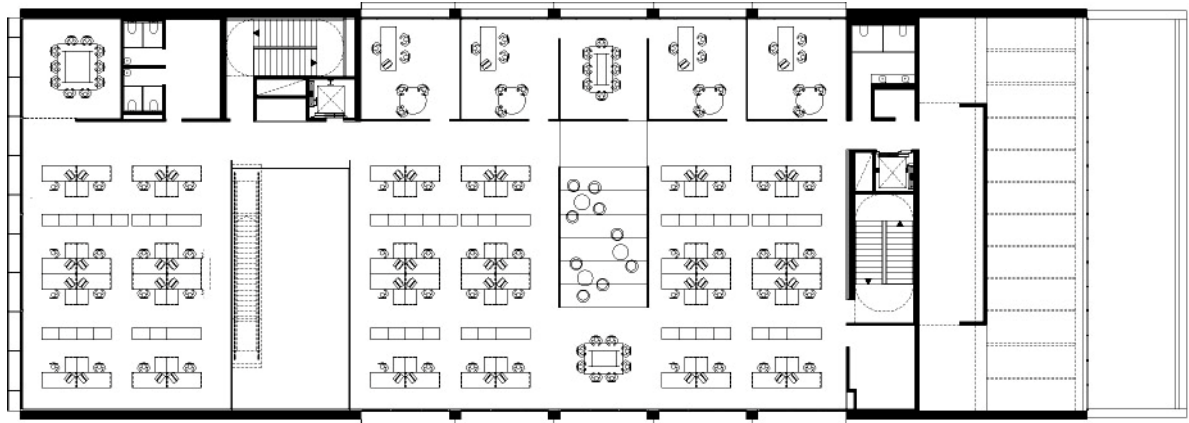
O pavimento térreo abriga o *foyer* e a bilheteria do cinema, assim como a cafeteria e o núcleo de circulação vertical. No primeiro pavimento encontram-se a biblioteca e uma galeria de exposição permanente, enquanto que nos últimos dois pavimentos estão os escritórios do ICIC com iluminação zenital e indireta pelo pátio de luz interno (Figuras 18 e 19).



Figura 20: Interior do edifício
Fonte: Adria Goula (2011)

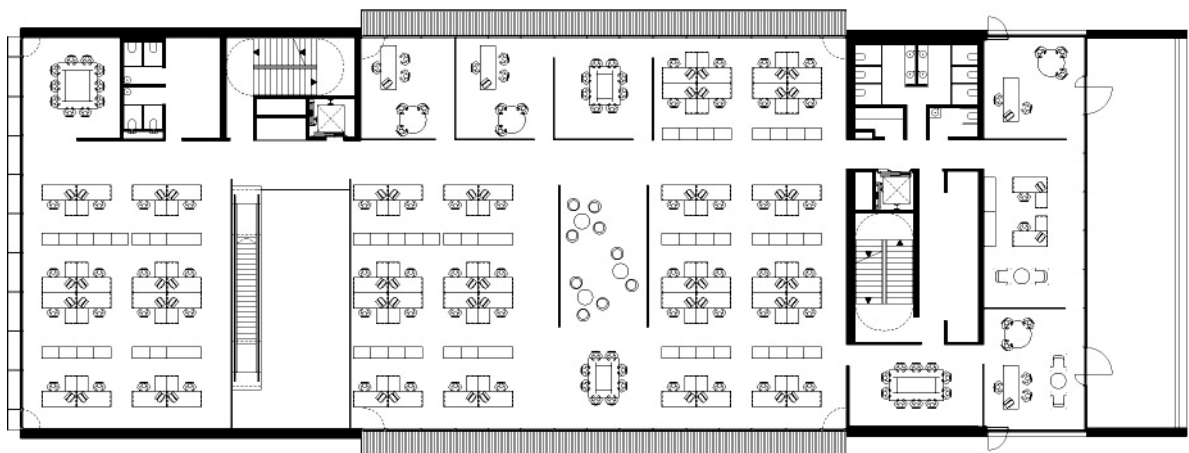


Figura 21: Iluminação Zenital
Fonte: Adria Goula (2011)



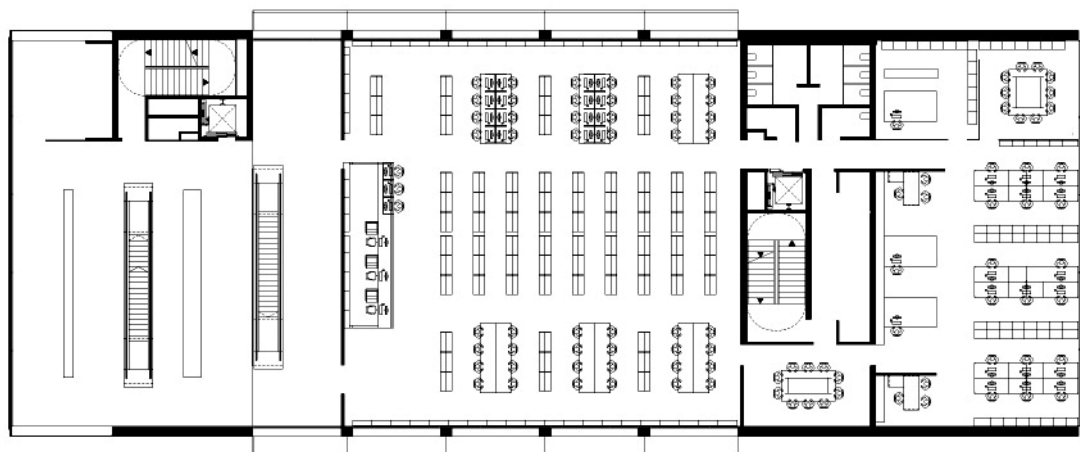
Figuras 22: Plantas do 3º pavimento

Fonte: ARCHITECTURAL REVIEW (2011)



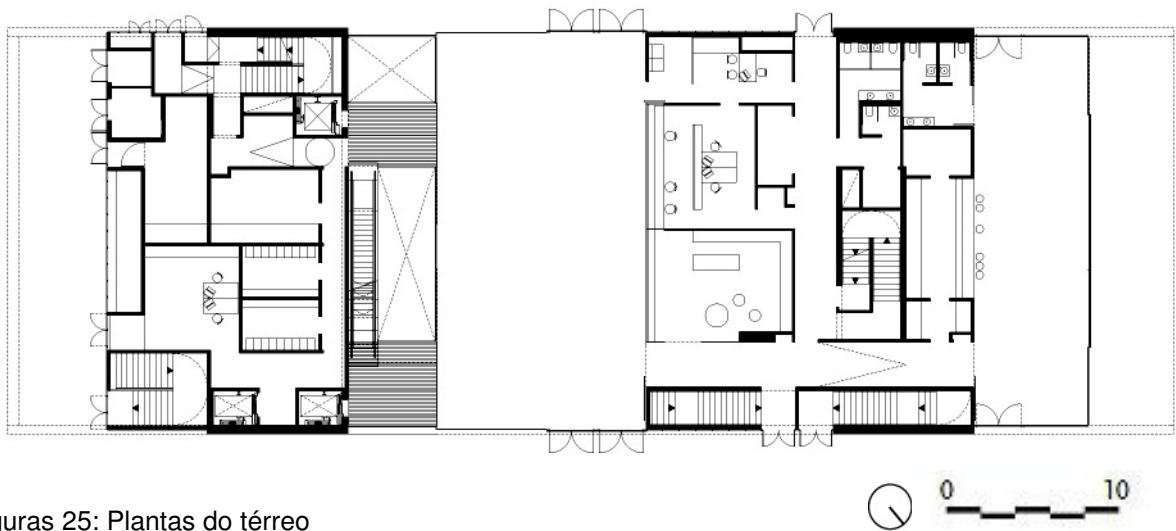
Figuras 23: Plantas do 2º pavimento

Fonte: ARCHITECTURAL REVIEW (2011)



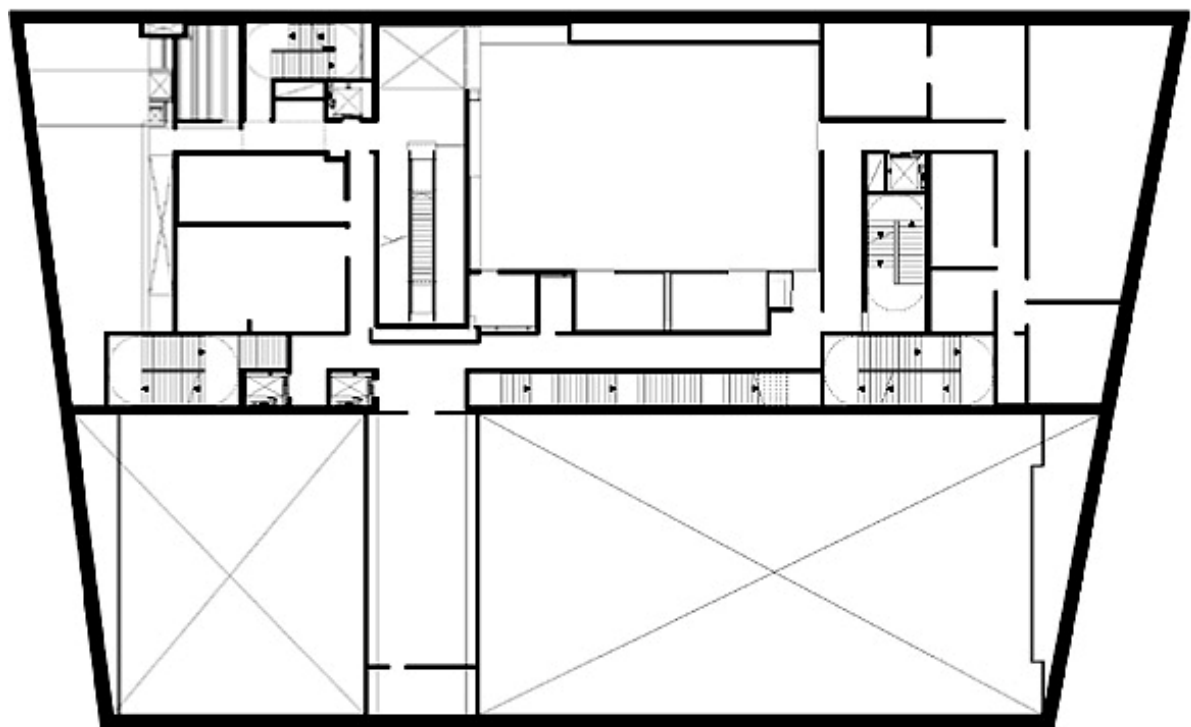
Figuras 24: Plantas do 1º pavimento

Fonte: ARCHITECTURAL REVIEW (2011)



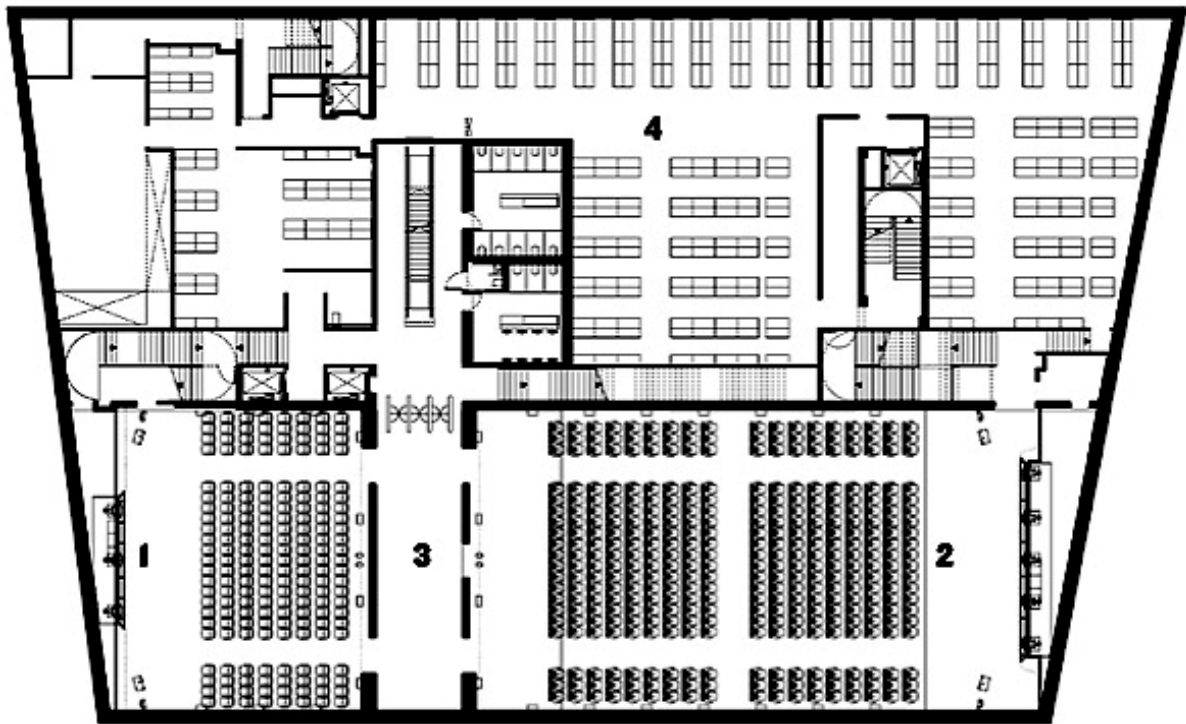
Figuras 25: Plantas do térreo

Fonte: ARCHITECTURAL REVIEW (2011)



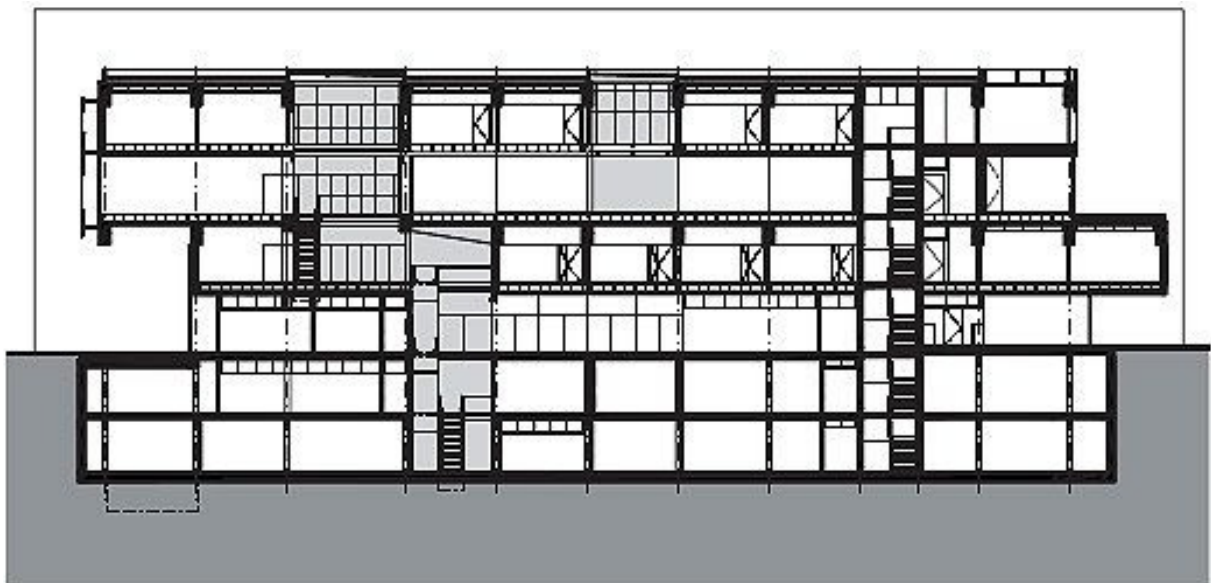
Figuras 26: Plantas do 1º subsolo

Fonte: ARCHITECTURAL REVIEW (2011)



Figuras 27: Plantas do 2º subsolo

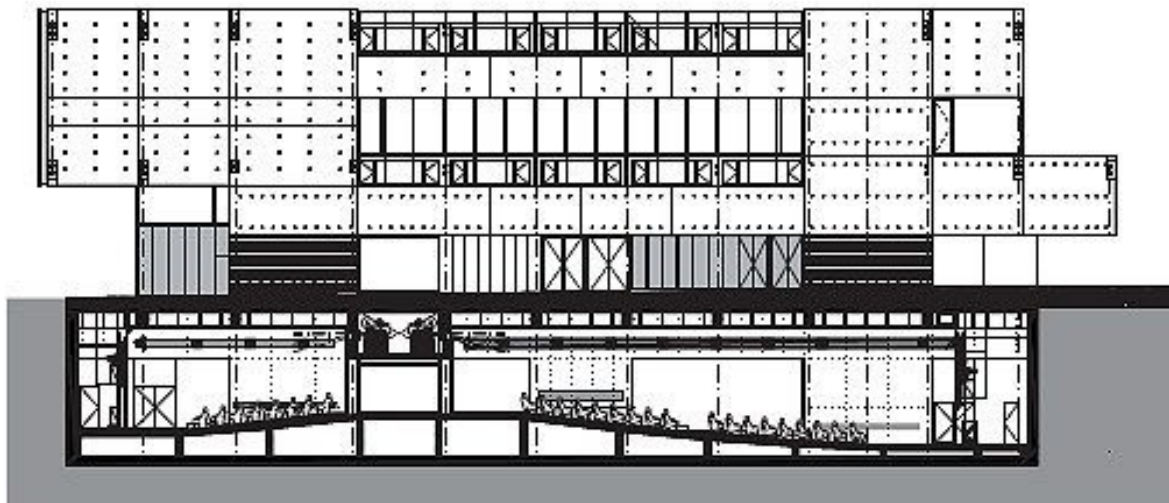
Fonte: ARCHITECTURAL REVIEW (2011)



CORTE AA

Figuras 28: Corte Longitudinal AA

Fonte: ARCHITECTURAL REVIEW (2011)

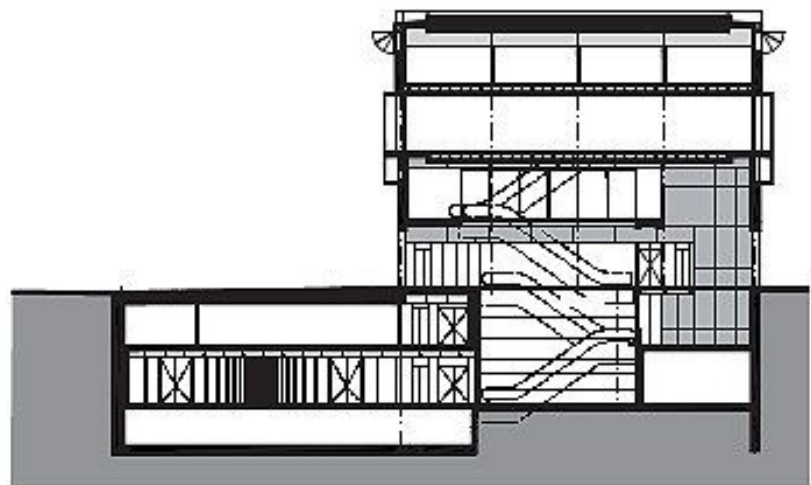


CORTE BB

0 10

Figuras 29: Corte Longitudinal BB

Fonte: ARCHITECTURAL REVIEW (2011)



0 10

Figuras 30: Corte Transversal

Fonte: ARCHITECTURAL REVIEW (2011)

3.2 ARTSQUEST CENTER - BETHLEHEM, ESTADOS UNIDOS

Spillman Farmer Architects 2011

Na cidade de Bethlehem, no estado da Pensilvânia, abaixo do rio Lehigh, está localizado o terreno destinado ao Artsquest Center, projeto realizado pela Spillman Farmer Architects (figura 31). O projeto conta com uma área de 6.317 m², e teve um custo estimado em 17,3 milhões de dólares.



Figura 31: Entorno do Terreno do ArtsQuest Center

Elaborado a partir da fonte GoogleMaps

O terreno (figura 32) se encontra voltado para as ruínas da Companhia de Aço de Bethlehem, que por muitos anos teve importância no cenário nacional de produção desse metal.

Na Revolução Industrial, a Companhia de Aço de Bethlehem era uma das mais influentes, ocupando em torno de 2000 acres e empregando milhares de pessoas ao longo de várias gerações, até o seu fechamento em 1995 (SPILLMAN FARMER ARCHITECTS).

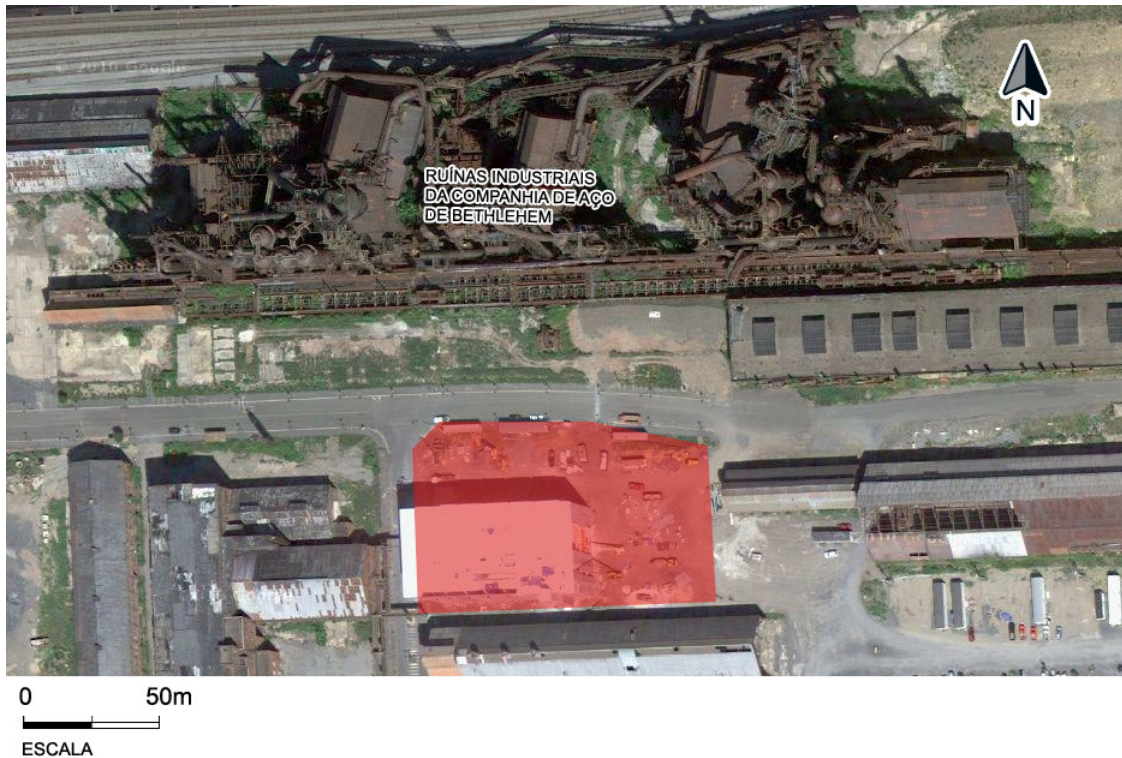


Figura 32: Localização do terreno do ArtsQuest Center

Elaborado a partir da fonte GoogleMaps

As ruínas industriais da Companhia permaneceram, e num esforço de revitalização da cidade, preservando suas características de outrora, estabeleceu-se a criação de um novo edifício nesse terreno, um centro de artes e cultura, com espaços para performances, exposições e cinema de arte (figura 33).



Figura 33: ArtsQuest Center

Fonte: Spillman Farmer Architects (2011)

As referências ao local são evidentes na composição do edifício, que remetem às características "industriais" com o uso de aço e concreto aparentes. Segundo o diretor de Design do escritório Spillman Farmer Architects, Joseph N. Biondo (2012), "a arquitetura do ArtsQuest Center é influenciada pelo seu sítio industrial. Ela abraça a região e sua cultura, reconhecendo o material e o espírito humano que foram a força motriz para a indústria desse país..." "Como firma, vemos esse projeto como expressão da estrutura, do material e do local" (SPILLMAN FARMER ARCHITECTS, 2012), (Figura 34).



Figura 34: Maquete eletrônica de inserção no entorno

Fonte: Spillman Farmer Architects (2011)

O edifício é proposto como uma grande caixa de concreto, na qual se insere uma estrutura metálica em destaque, remetendo à antiga função de produção de aço do local. As aberturas estão voltadas para o Norte, de maneira que se privilegie as vistas para as antigas fornalhas, hoje desativadas, como um verdadeiro cenário (figura 35). As funções de serviço e aquelas que não demandam abertura, como o cinema, estão voltadas para a parte sul. Com isso, o arquiteto procurou uma inserção harmônica da obra em seu entorno, respeitando os materiais, a escala e a história, sem porém anular o próprio edifício.



Figura 35: Aberturas com vista para as antigas fornalhas

Fonte: Spillman Farmer Architects (2011)

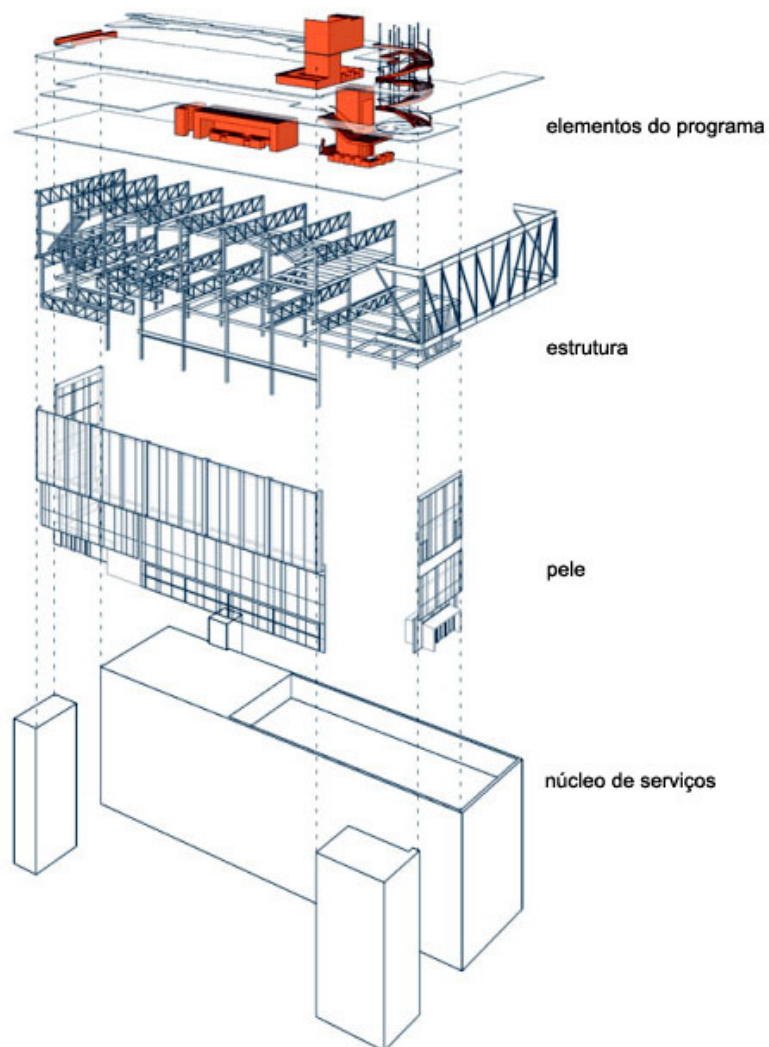


Figura 36: Perspectiva da estrutura expandida

Fonte: Spillman Farmer Architects (2011)

Há no ArtsQuest Center apresentações diárias de filmes de arte, contando com duas salas de cinema. Essas salas ocupam os dois primeiros pavimentos do edifício, voltadas para o sul, possuindo 191 e 95 lugares, e uma sala de projeção em comum às duas. A entrada no andar térreo facilita seu acesso, e aproveita o saguão da entrada do próprio edifício (figura 37).



Figura 37: Sala de Cinema de arte

Fonte: Spillman Farmer Architects (2011)

A obra se divide em quatro pavimentos: no térreo, há um grande *lobby* com duplo pé-direito, a entrada para duas salas de cinema, bem como uma galeria e um pequeno bar. No segundo pavimento se encontram uma outra galeria, um centro de conferências, e a sala de projeções dos dois cinemas. No terceiro pavimento existe um café, um bar e cozinha, contando com um mezanino no quarto pavimento deixando então o café com pé-direito duplo.

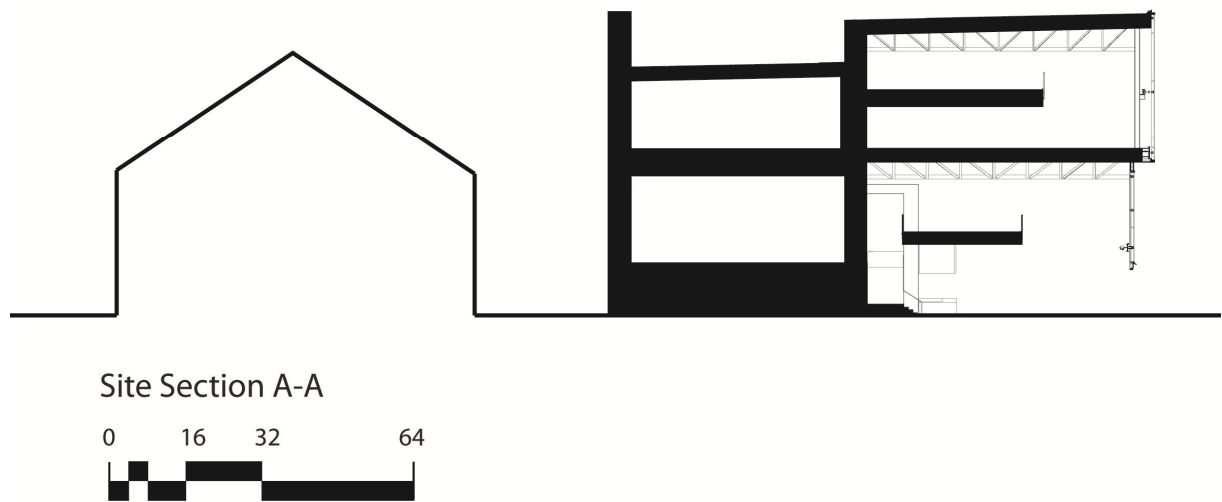


Figura 38: Corte esquemático
Fonte: Spillman Farmer Architects (2011)

Planta - Primeiro Pavimento

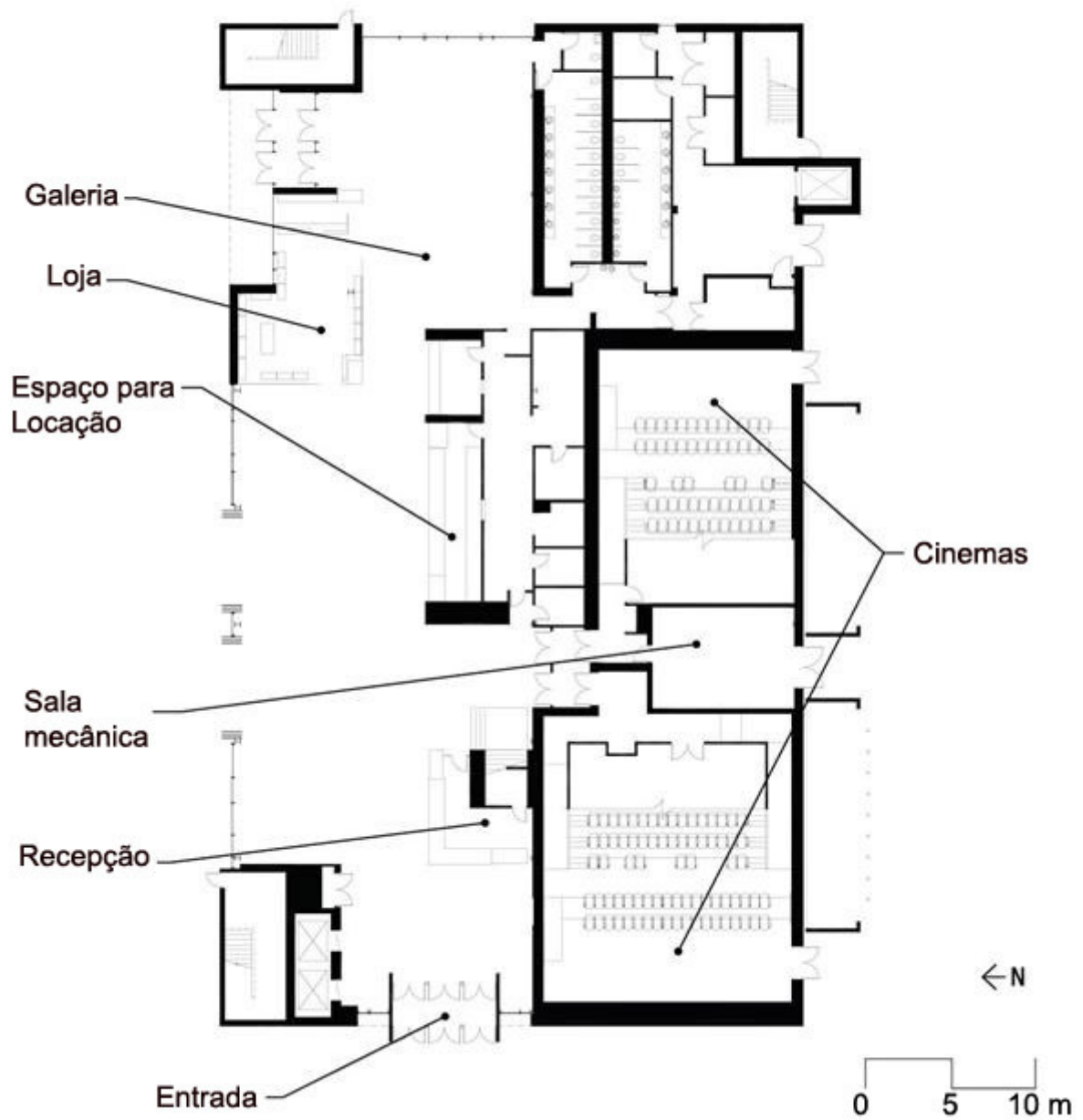


Figura 39: 1º Pavimento

Fonte: Spillman Farmer Architects (2011)

Planta - Segundo Pavimento

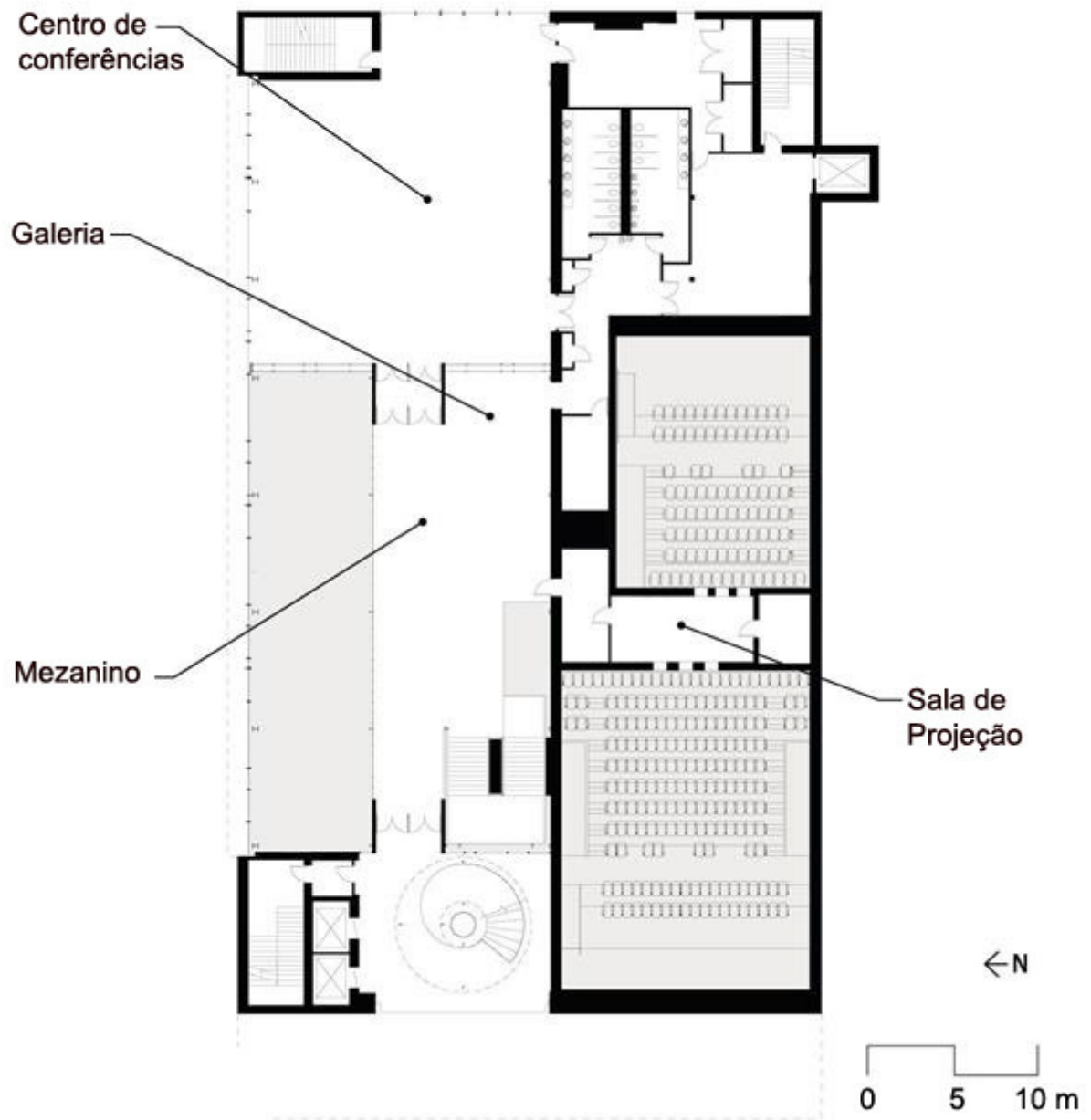


Figura 40: 2º Pavimento

Fonte: Spillman Farmer Architects (2011)

Planta - Terceiro Pavimento

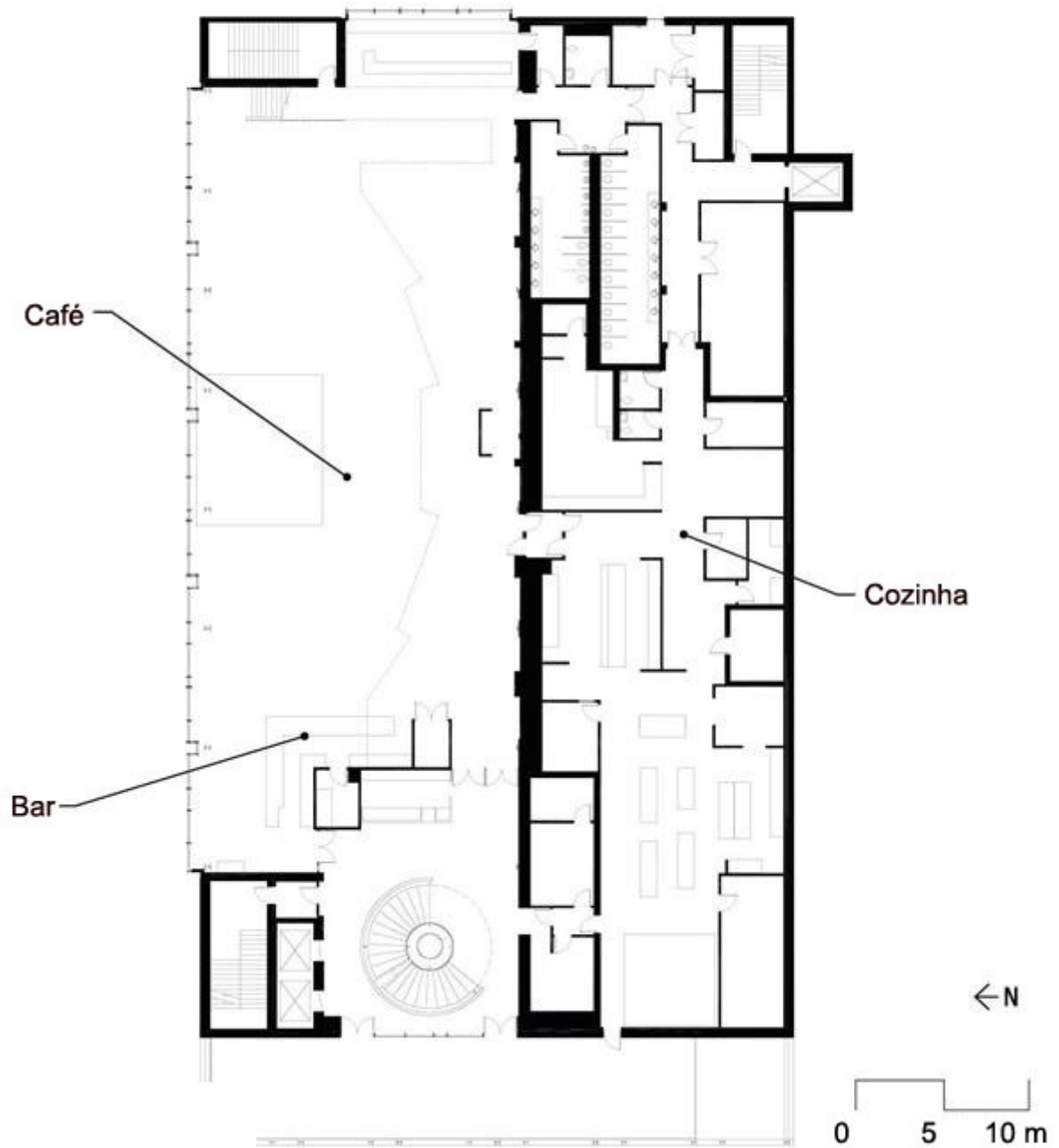


Figura 41: 3º Pavimento

Fonte: Spillman Farmer Architects (2011)

Planta - Quarto Pavimento

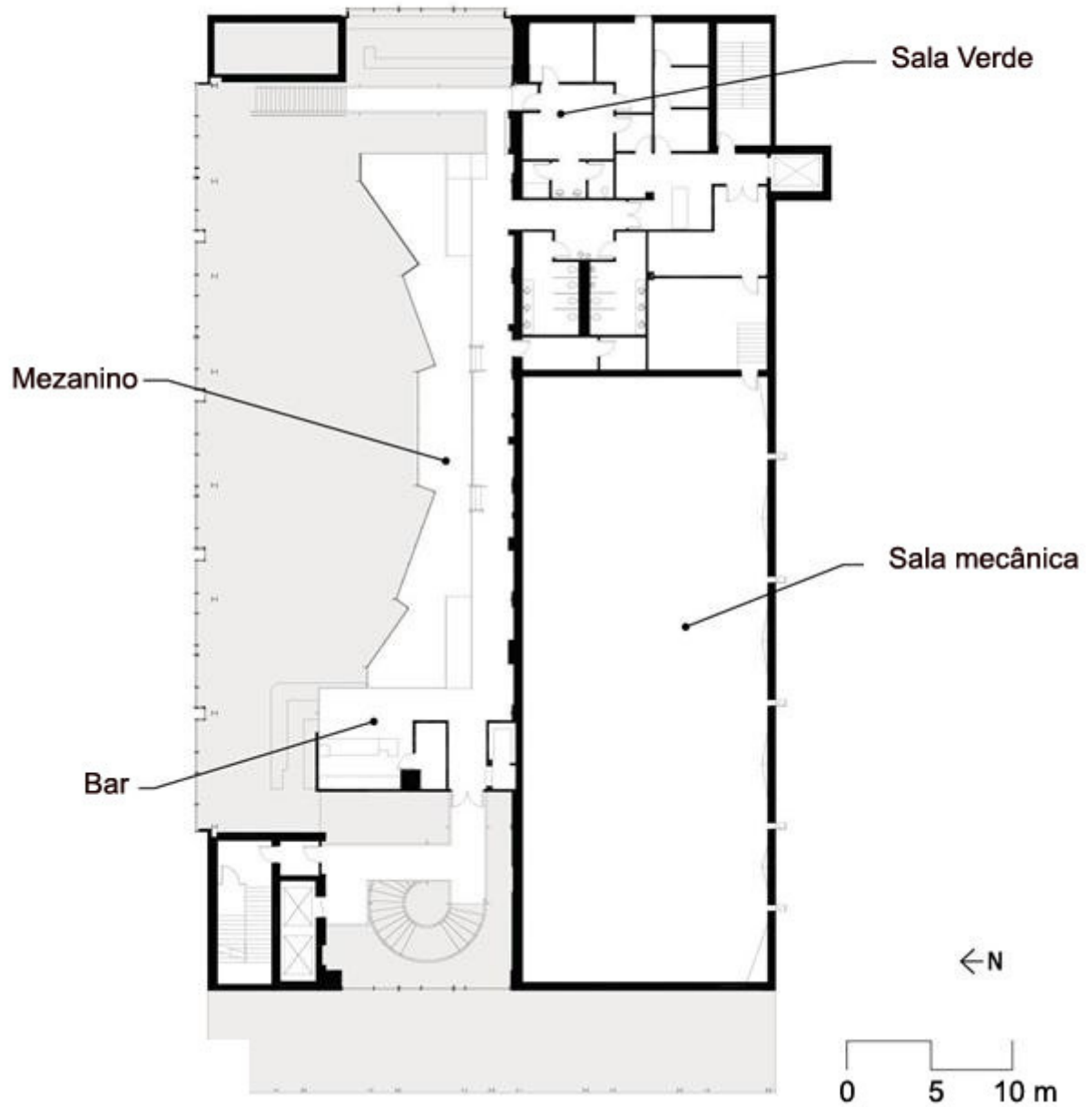


Figura 42: 4º Pavimento

Fonte: Spillman Farmer Architects (2011)

3.3 CINEMATECA DE CURITIBA - CURITIBA, BRASIL

Arquitetos Dóris Teixeira, Fernando Popp, Gerson Staehler e Gabriela Curi - 1998

A primeira sede da cinemateca de Curitiba foi inaugurada em 1975, vindo a fazer parte de um momento de grande fervor artístico no Brasil. Localizava-se na Rua São Francisco, 319, como Cinemateca do Museu Guido Viaro. A sala era no subsolo e possuía 110 lugares, "um tanto improvisada, mas com um clima *underground*, que atraiu e formou uma geração de cinéfilos e cineastas da cidade" (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 2005, p. 26).

A cinemateca desde sua origem não prevê fins lucrativos, sendo administrada pela Fundação Cultural de Curitiba. Seus principais objetivos eram:

- Apresentar filmes considerados relevantes no campo da arte e da técnica cinematográficas.
- Realizar conferências, cursos, mesas redondas e seminários;
- Editar boletins, promover concursos e manter uma biblioteca e arquivos para estudos e debates de assuntos de cinema em geral.
- Incentivar a prática e o progresso do filme experimental.
- Realizar e produzir películas cinematográficas (CINEMATECA DO MUSEU GUIDO VIARO, REGULAMENTO, 1975, p. 26-27).

Nota-se dentro desses objetivos, que a função da Cinemateca não é de mera exibição de filmes, mas partícipe da formação cultural de seu público, bem como a preservação da história cinematográfica. A importância da Cinemateca foi descrita por Francisco Alves, secretário da gestão de Valêncio Xavier em 1975, da seguinte maneira:

Pode-se dizer mesmo que a Cinemateca veio a representar um tempo novo para o cinema do Paraná. A sua concepção e a prática do cinema, não como produção cinematográfica unicamente, mas com suas várias modalidades (...) permitiram a construção de uma nova mentalidade de cinema no Paraná. (SANTOS, 1996 , p. 6).

No início da década de 1990, o espaço físico já não se apresentava mais adequado, sendo transferida para a Rua Treze de Maio em 1993, permanecendo até 1995. Após esse ano, passou novamente por outros endereços provisórios, período em que suas atividades foram em boa parte interrompidas, até se instalar em 1998 na atual sede da Rua Carlos Cavalcanti, no Bairro São Francisco (Figura 43).

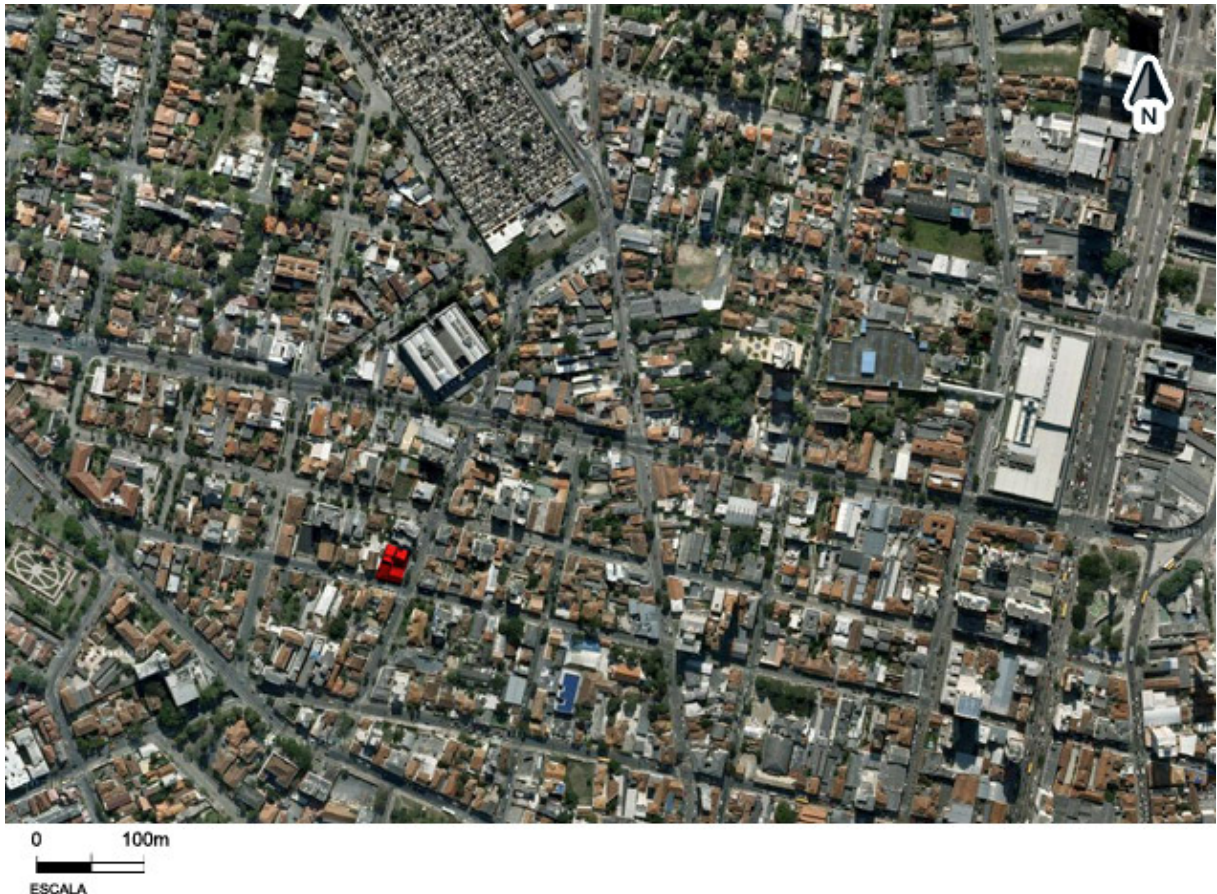


Figura 43: Entorno do terreno da Cinemateca

Elaborado a partir da fonte GoogleMaps

A atual sede da Cinemateca se encontra na esquina das ruas Carlos Cavalcanti e João Manuel, próximo ao Largo da Ordem (figura 44). Possui uma área de 1073 m², na qual foram utilizados dois terrenos, cedidos à Prefeitura de Curitiba, através da transferência de potencial construtivo previsto no Estatuto da Cidade.

A obra foi realizada pela Secretaria Municipal de Obras Públicas por uma parceria entre a Fundação Cultural de Curitiba e o Ministério da Cultura, com um custo total de 390 mil reais (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 2005, p. 90).



Figura 44: Localização do terreno da Cinemateca
Elaborado a partir da fonte GoogleMaps

O projeto é de autoria do IPPUC, com os arquitetos Dóris Teixeira, Fernando Popp, Gerson Staehler e Gabriela Curi, ocupando então duas edificações de interesse histórico já previamente restauradas (figura 45), além de um novo anexo.



Figura 45: Entrada da Cinemateca
Fonte: A autora

A solução encontrada pelos arquitetos foi a de criar uma passarela em estrutura metálica que ligasse os edifícios já existentes com o anexo a ser construído, permitindo a acessibilidade à sala de projeção por possuir uma entrada em nível. Essa estrutura se encontra no meio dos dois edifícios de interesse histórico, fazendo também a ligação entre eles (figura 46).



Figura 46: Passarela - vista olhando para a rua

Fonte: A autora

O terreno possui um desnível que possibilitou tanto a criação da passarela como também o melhor assentamento da sala de exibição. A sala de exibição (figura 47), pertencente ao novo anexo, foi projetada com preocupações acústicas e visuais, pelo uso de paredes duplas e disposição adequada das poltronas e sistema de ventilação específicos. Possui 104 lugares, sendo projetada inicialmente para servir também como teatro e auditório. Possui duas saídas de emergência, sendo que uma delas, de acordo com a arquiteta Doris Teixeira, poderia servir como saída das sessões por levar até um pátio que se comunicaria com um café. Porém, o café não foi executado como previsto, por questões burocráticas (TEIXEIRA, 2005).



Figura 47: Sala de Exibição

Fonte: A autora

A cinemateca conta hoje com uma sala para cursos, sala de acervo de cartazes, uma videoteca e a sala limite (espaço de projeção de filmes em 16 e 35mm), bem como a bilheteria em conjunto com uma exposição permanente de equipamentos cinematográficos antigos, dentro dos edifícios históricos. No novo anexo, encontram-se a sala de exibição, a cabine de projeção, salas administrativas, a biblioteca (com materiais relacionados ao cinema, aberta ao público) e a câmara de acervo.

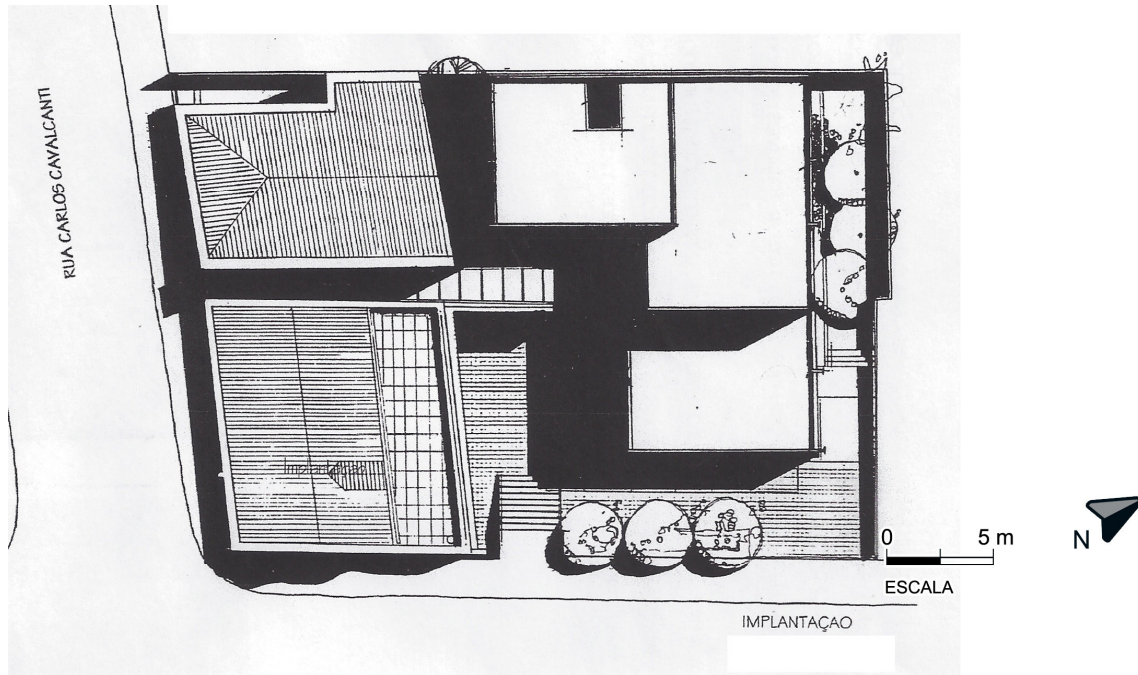


Figura 48: Implantação - Cinemateca

Fonte: Prefeitura Municipal de Curitiba

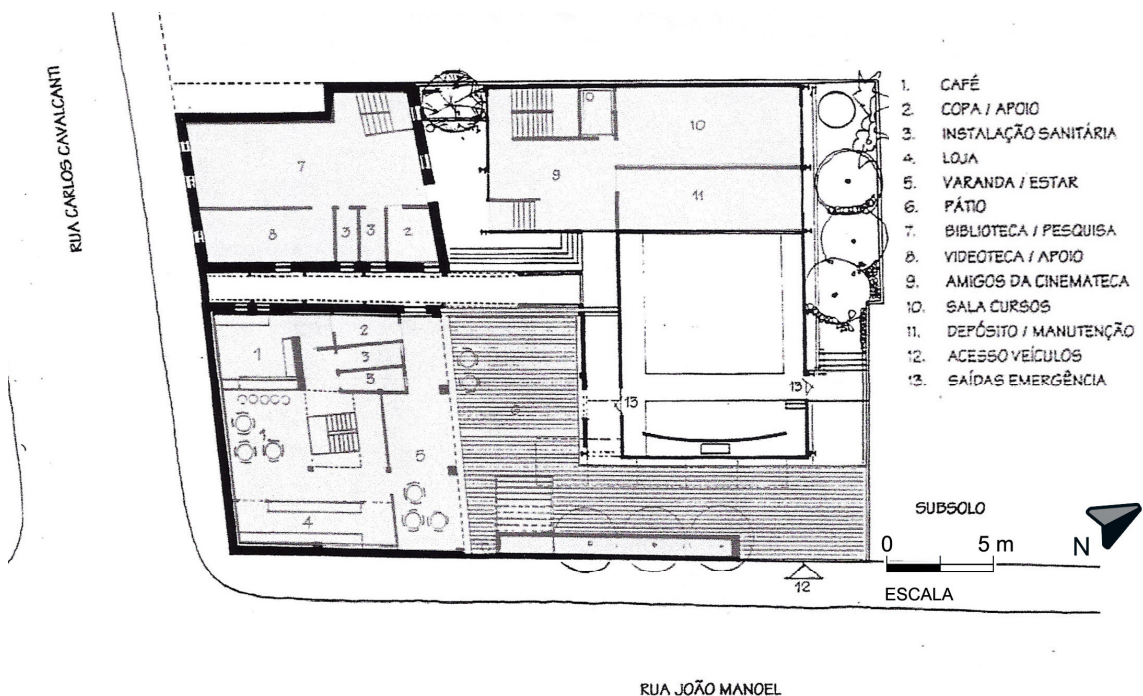


Figura 49: Subsolo - Cinemateca

Fonte: Prefeitura Municipal de Curitiba

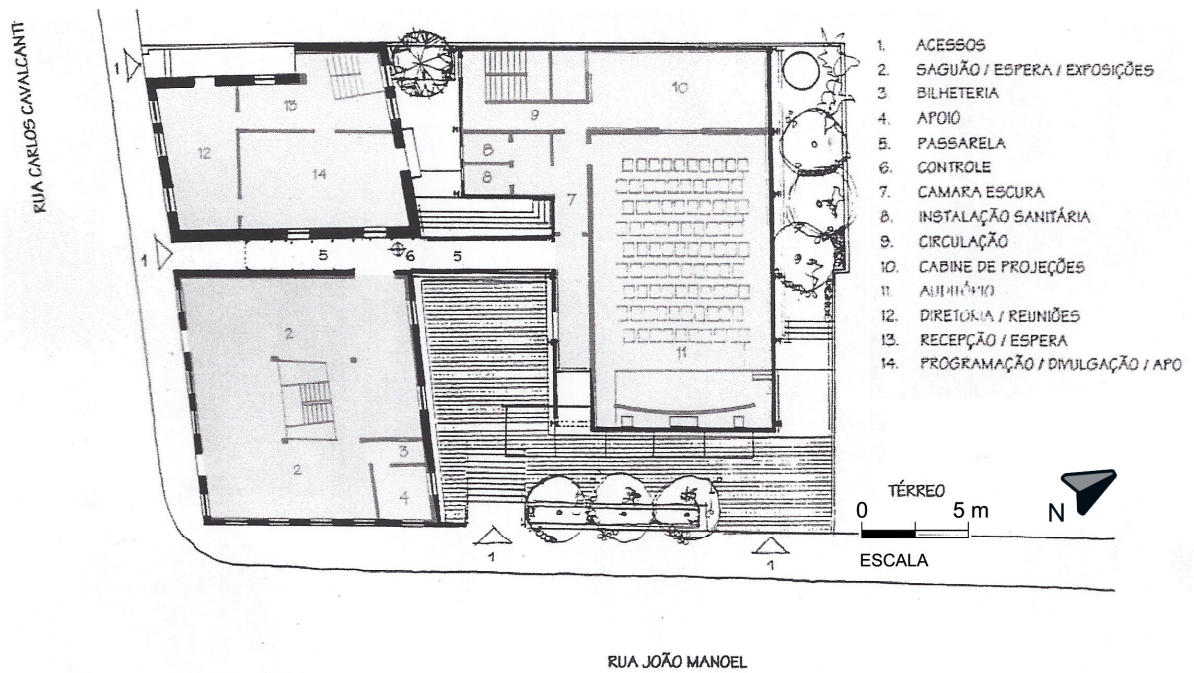


Figura 50: Pavimento térreo - Cinemateca

Fonte: Prefeitura Municipal de Curitiba

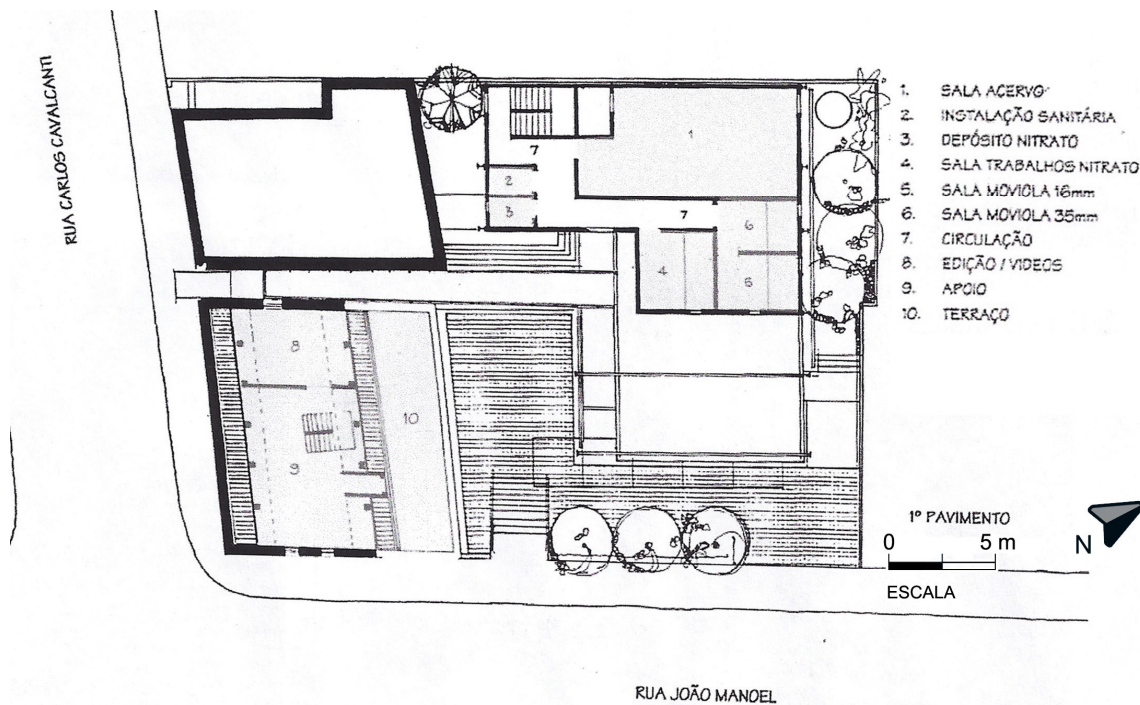


Figura 51: 1º Pavimento - Cinemateca

Fonte: Prefeitura Municipal de Curitiba

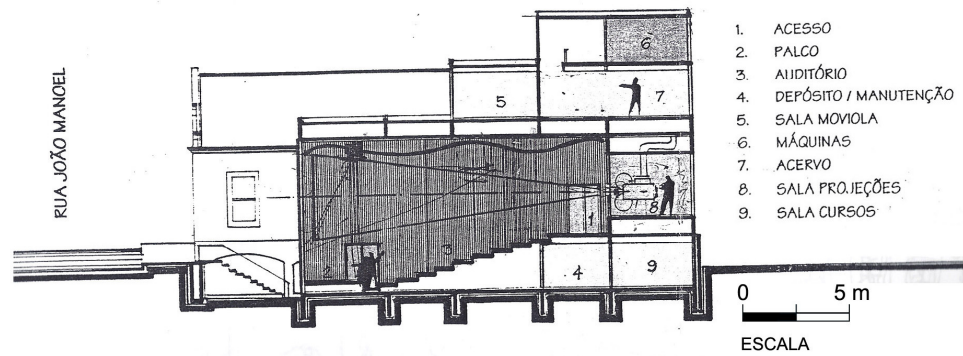


Figura 52: Corte Longitudinal - Cinemateca

Fonte: Prefeitura Municipal de Curitiba

4. LEITURA DA REALIDADE

4.1 CENÁRIO ATUAL DOS CINEMAS EM CURITIBA

A mudança de comportamento social, juntamente com o advento da televisão, provocou a desativação de vários cinemas, por não haver mais público suficiente. O fechamento dos cinemas de rua representou uma perda tanto do patrimônio material, dos edifícios simbólicos que os abrigavam, como imaterial, pela memória coletiva contida nesses espaços.

O cinema então se estabeleceu dentro de *shoppings*, porém com um caráter não mais de evento social, mas de intenso consumo: o sistema *multiplex* foi implantado, e filmes fora do circuito comercial não mais exibidos.

Fernando Severo, diretor do Museu de Imagem e Som do Paraná, afirma que as vantagens dos cinemas *multiplex* foram um fator determinante para que os antigos cinemas de rua fechassem as portas. Segundo Severo, os espaços *multiplex* apresentam maior comodidade quanto a estacionamentos e áreas de lazer agregadas ao espaço do cinema, além do maior número de salas para exibição, que permitem mais sessões de variados filmes ao mesmo tempo. Porém nesses espaços, de acordo com ele, ao visar prioritariamente a exploração comercial, filmes menos lucrativos acabam sendo deixados de lado (SEVERO, 2012).

Nesse cenário de grandes mudanças, a Cinemateca de Curitiba continuou a existir, exibindo sessões acessíveis e promovendo cursos, administrada pela Fundação Cultural de Curitiba. A Cinemateca, juntamente com o Cine Guarani, reinaugurado neste ano (2012) no Portão, formam atualmente os dois exemplares de cinemas públicos em atividade em Curitiba.

O Cine Guarani fechou suas portas por duas vezes, em 1974 e 2000, e foi novamente inaugurado junto ao espaço Portão Cultural (figura 53) em junho deste ano. O novo espaço, de aproximadamente 5.000 m², conta com uma sala de exibição de cinema com 163 lugares (figura 54), o auditório Antonio Carlos Kraide, de 184 lugares, a casa de Leitura Wilson Bueno e quatro salas de exposição, com obras do Museu Municipal de Arte.

O projeto foi uma adequação ao espaço anteriormente idealizado por Marcos Prado para abrigar um terminal rodoviário, em 1979. Prevvia-se a construção de dois blocos, interligados por uma passarela sobre o eixo estrutural da República

Argentina, porém apenas um deles foi construído. Sua estrutura em arcos de concreto de grande dimensões suporta a cobertura, uma laje nervurada nos dois sentidos (XAVIER, 1986).



Figura 53: Portão Cultural

Fonte: Panoramio, 2012



Figura 54: Sala de Cinema - Cine Guarani

Fonte: Alceniguerra, 2012

Em relação a projetos futuros, a Fundação Cultural de Curitiba pretende inaugurar duas novas salas, Luz e Ritz (referente a dois antigos cinemas de Curitiba, de importância histórica) no chamado Cine Passeio. O projeto executivo já foi feito, e em setembro desse ano foi aprovado o Decreto Municipal nº 1275/2012, que define o edifício do antigo quartel da Rua Riachuelo (onde será implantado o cinema) como Unidade de Interesse Especial de Preservação e estabelece a possibilidade de transferência do potencial construtivo, podendo dessa forma angariar fundos para a nova construção. O projeto de reciclagem com 2500 m² dos arquitetos Dóris Teixeira e Mauro Magnabosco prevê salas de cursos, de edição de imagem e som, uma biblioteca e três salas de cinema. Além das salas Luz e Ritz já citadas, haverá uma terceira sala de 87 lugares que servirá aos cursos (figura 55).



Figura 55: Projeto do Cine Passeio

Fonte: Suplemento Cultural

4.2 SETOR HISTÓRICO DE CURITIBA - BAIRRO SÃO FRANCISCO

Curitiba está dividida em 9 regiões, sendo uma delas a Regional Matriz. Pertencem a ela os bairros Centro, São Francisco, Centro Cívico, Batel, Bigorrilho, Mercês, Bom Retiro, Ahu, Juvevê, Cabral, Hugo Lange, Jardim Botânico, Jardim Social, Alto da XV, Alto da Glória, Cristo Rei, Prado Velho e Rebouças (figura 56).

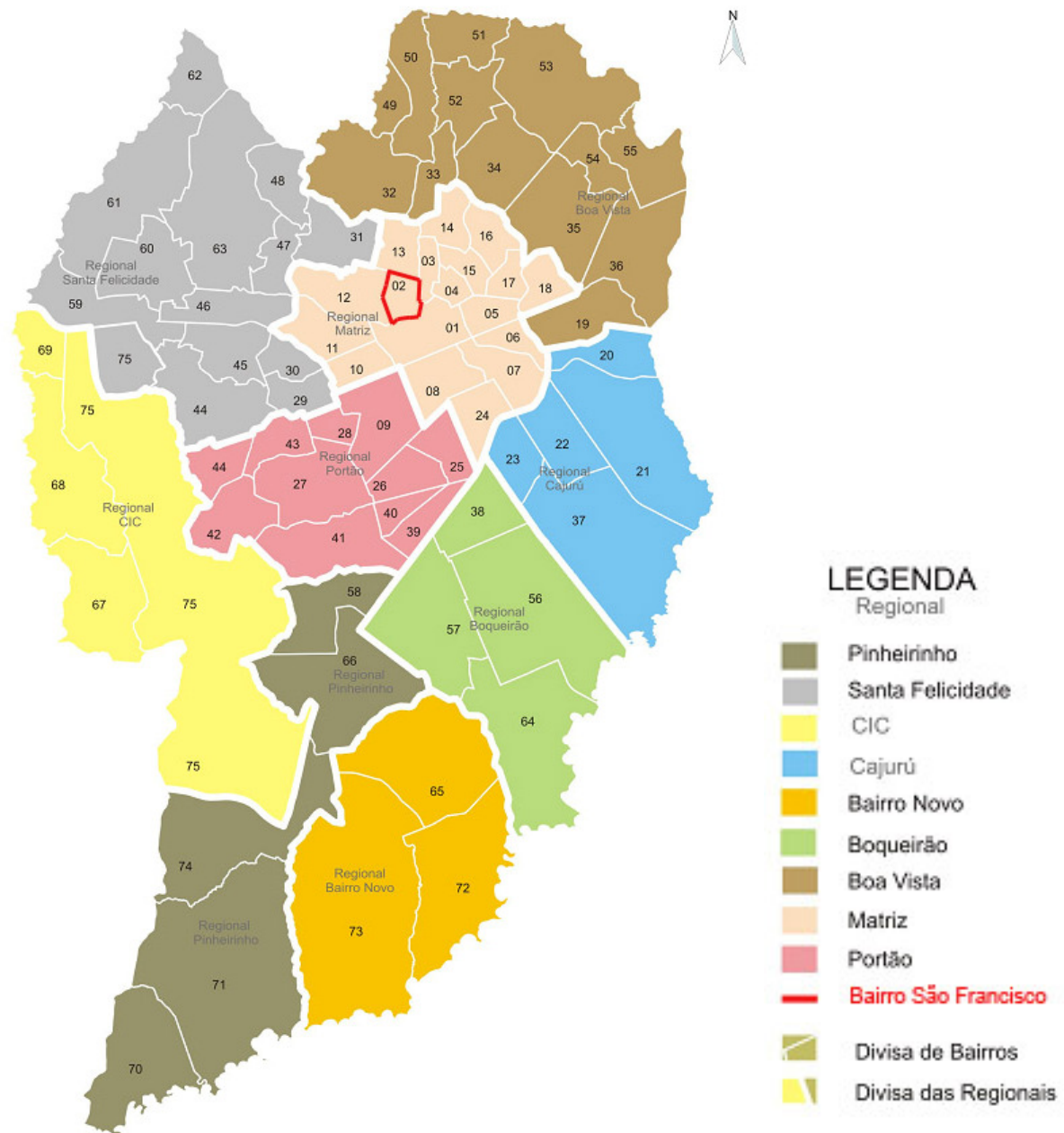


Figura 56: Divisão em Regionais da Cidade de Curitiba

Fonte: IPPUC, 2005



Figura 58: Vista aérea do Setor Histórico

Fonte: IPPUC

A história do bairro São Francisco começa juntamente com a de Curitiba, pois pertence a ele parte do núcleo urbano original da cidade.

A exploração do território paranaense no século XVII teve como motivação principal a procura pelo ouro, mas a ocupação da região foi definida principalmente pelas condições favoráveis do planalto curitibano, em relação ao clima, vegetação e topografia. Nessa época, abriam-se caminhos que corresponderam também aos locais dos primeiros assentamentos, no qual se destaca o Caminho Graciosa, que corresponde atualmente às ruas Monteiro Tourinho, Erasto Gaertner, Munhoz da Rocha, João Gualberto e Barão do Serro Azul, que ligam a região do Atuba até a Praça Tiradentes (IPPUC, 2004, p. 16). Em 1693, o assentamento foi elevado à categoria de vila, como Vila de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais, hoje Curitiba.

Seu traçado urbano possuía as características de núcleos de outras cidades, pelo modelo tradicional português, com a Igreja Matriz em frente a praça central, da qual derivava as demais ruas da malha urbana (BONADIO, 2010).

Durante o século XVIII, destaca-se o Ciclo do Tropeirismo no Sul do Brasil, pela necessidade do uso de animais para transporte de cargas no restante do país.

Logo, a região Sul, onde havia criação de gado, e a região Sudeste, em que se encontravam feiras de comercialização, criaram uma relação econômica estreita. Curitiba, por se situar geograficamente entre os dois pólos, se estabelece como ponto de ligação entre eles, através da Estrada do Mato Grosso. Esse caminho de saída da cidade era feito pelo prolongamento de uma via urbana, a partir do Largo da Matriz - Praça Tiradentes, cujo entorno correspondia ao perímetro urbano na época. Ruas estreitas que se alargavam em frente à Igrejas e lotes compridos caracterizavam a malha urbana nesse século, do qual o último exemplar arquitetônico é a Casa Romário Martins.

A partir da abolição da escravatura, em 1888 pela Lei Áurea, houve a busca por novas formas de mão-de-obra para as atividades agrícolas, base da economia do país nessa época. Há então o incentivo a vinda de imigrantes, que se estabelecem nas periferias dos municípios, o que também ocorre em Curitiba. A ligação por meio de vias radiais se dá entre esses assentamentos periféricos e o núcleo central primitivo, pois esse representava "a única alternativa estruturada, onde as relações de troca, de prestação de serviços e de comércio podiam ocorrer" (IPPUC, 2004, p. 19). Logo, os caminhos das colônias foram sendo ocupados, provocando uma expansão urbana com edificações para habitação e comércio.

O crescimento de Curitiba foi favorecido também pela criação da ligação ferroviária com o litoral, formando-se os primeiros hotéis próximos a Estação Ferroviária.

O "Pátio da Capela", conhecido hoje como Largo da Ordem, já se caracterizava como local de comércio e trocas anteriormente, mas se estabelece como um dos mais importantes centros comerciais por volta de 1930, onde colônias italianas e polonesas vendiam seus produtos agrícolas e hortifrutigranjeiros (FENIANOS, 1998).

Em 1943, é elaborado o Plano Agache, criado para ordenar o crescimento da cidade através da organização do tráfego e funções urbanas. Foram delimitadas funções específicas para cada área, e definido um sistema viário hierarquizado através de um desenho radiocêntrico.

Porém, o Plano Agache não possuía preocupações com a preservação patrimonial, dando prioridade às intervenções viárias que viriam a ocorrer e ocasionar a perda de vários exemplares arquitetônicos de valor histórico, como descreve Oba (1998):

[...], o plano Agache, por sua abordagem abrangente e tecnocrática, preocupada essencialmente na estrutura viária, saneamento e criação de centros funcionais, não trouxe referências ao patrimônio histórico e cultural da cidade. Ao contrário, os alargamentos propostos nas áreas centrais acabaram por destruir importantes conjuntos urbanos do período anterior. (OBA, 1998, p. 229).

A partir de 1966, com a instituição do plano Serete sob a Lei Municipal nº 2828, são colocadas orientações para a manutenção e preservação do patrimônio histórico municipal. Em 1970, é implementado o Plano de Revitalização do Setor Histórico de Curitiba, que pontua de maneira mais clara ações a serem desenvolvidas para a proteção patrimonial e cultural. É a partir do Decreto Municipal 1160 de 1971 que se delimita a área do Setor Histórico, posteriormente substituído pelo Decreto nº185/2000.

Nesse conjunto ambiental, o processo de preservação é iniciado com a restauração do antigo Paiol de Pólvora, entregue a população como Teatro (1971), a Casa Romário Martins (1973), uma antiga fábrica de cola transformada no Centro de Criatividade de Curitiba (1975), os quais serviram de modelo para a ação restauradora de vários outros imóveis, sendo revitalizada toda uma área do setor histórico que com o esforço do poder público e da iniciativa privada pôde moldar uma consciência coletiva de preservação e uma renovada fisionomia urbana. (LEONI, 1996).

Em 1973, a Casa Romário Martins, último exemplar da arquitetura colonial portuguesa do século XVIII, é inaugurada como espaço cultural, com o intuito de preservar a memória Curitibana.

É também por meio do Decreto nº1160 que se transforma o Largo da Ordem em uma área para pedestres. Na década de 1980, são realizadas obras para o fechamento de trechos das ruas Mateus Leme, Claudino dos Santos e São Francisco, que convergiam ao Largo Coronel Enéas. As ruas passam a ser apenas

para o trânsito de pedestres, o que na época causou revolta por parte dos comerciantes "porque com a proibição da entrada de veículos o movimento irá diminuir", como relatado em jornal da época (Gazeta do Povo, 1980).

Uma das propostas do Plano de Revitalização de 1970 era evitar a construção de uma travessa que dividisse o setor histórico em dois, o que mesmo assim acontece pois as intervenções viárias continuam a ser realizadas. "O setor é atravessado por uma via de tráfego rápido - avenida estrutural norte. Pelas condições do relevo há possibilidades de evitar que esta via seccione o setor - o que é fundamental nesse plano" (IPPUC, 1970).



Figura 59: Implantação da Travessa Nestor de Castro

Fonte: DUARTE; GUINSKI, 2002, p. 203.

Há então a criação da Travessa Nestor de Castro (figura 59), que acaba dividindo o Setor Histórico em duas partes. A parte que se localiza ao Norte, a qual pertence o Largo da Ordem, possui um estado de conservação maior, comparada à

parte Sul, no qual é evidente o abandono e subutilização dos espaços. Atualmente, a Travessa Nestor de Castro se desenvolveu como ponto de concentração de linhas de ônibus.

O Plano de Revitalização também propunha que o Largo Coronel Enéas recebesse atividades culturais, exposições e espetáculos ao ar livre. Desse modo, na década de 70, a tradicional feira da Praça Zacarias era transferida para o Largo da Ordem, com o intuito de desenvolver o setor histórico por meio do movimento turístico gerado no local, bem como a possibilidade de um maior espaço para ser realizada. Inicialmente, foi pensada para ocupar apenas o espaço do Largo Coronel Enéas, porém hoje se estende pelas principais ruas do Setor Histórico.

A atual "feirinha", que ocorre todos os domingos de manhã, recebe cerca de vinte mil visitantes ao longo do dia, de acordo com o jornal G1 Paraná (Ducati, 2011). Hoje são cerca de 1300 feirantes que se espalham pelo Setor Histórico, vendendo desde artesanatos até comidas típicas (figura 60).



Figura 60: Feira do Largo da Ordem

Fonte: IPPUC

5. ESTUDO DO LOCAL

Alguns critérios para a escolha do local foram usados:

- O terreno deveria possibilitar uma dinâmica de fluxos, sendo de maior interesse os terrenos de esquina ou que atravessassem a quadra, possuindo duas testadas.
- A proximidade a pólos de cultura e lazer também traria benefícios, já que o transeunte poderia usufruir concomitantemente de tais espaços.
- O uso atual do terreno deveria ser considerado, portanto edificações subutilizadas ou terrenos vazios seriam ideais.
- A infraestrutura do local e a facilidade de acesso por meio de transporte público também foram fatores importantes estudados.
- O tamanho do terreno deveria possibilitar a execução de um programa de necessidades para um espaço cinematográfico.

A partir da escolha, foram estudados o uso e ocupação do entorno, dando maior destaque aos edifícios que fazem divisa com o lote, bem como o sistema viário, as características físicas e legais do terreno.

5.1 LOCALIZAÇÃO E USOS DO ENTORNO

Através da análise histórica e entorno, e dos fatores já citados no tópico anterior, definiu-se um terreno para o projeto inserido no Setor Histórico de Curitiba, dentro do Largo da Ordem.

O terreno (figura 61) possui dupla testada e se encontra entre a rua Treze de Maio e o Largo Coronel Enéas (mais conhecido como Largo da Ordem), com área de aproximadamente 1800 m² onde existe atualmente um estacionamento.



Figura 61: Terreno escolhido para o projeto
Elaborado a partir da fonte GoogleMaps



Figura 62: Vista a partir da Rua Claudino dos Santos para o terreno
Fonte: A autora (2012)



Figura 63: Vista a partir da Rua Treze de Maio para o terreno

Fonte: Google Maps (2012)

Para uma melhor análise, foi feito um levantamento do entorno, no qual classificou-se os edifícios dentre os seguintes usos (figura 64):

- Cultural e Religiosos: Museus, Igrejas, Teatros, espaços dedicados à arte.
- Restaurantes, cafés e bares
- Comercial
- Serviços: equipamentos de saúde, de educação, serviços em geral.
- Habitação: Residencial e Hotel
- Estacionamento
- Terrenos Vazios: sem construções ou apenas fachadas.
- Edificações Subutilizadas: sem ocupação definida.

Foram analisados a quadra do lote e as testadas adjacentes de quadras vizinhas, por entender que possuem influência e relações mais imediatas com o lote. Nota-se uma grande variedade de usos, e também a presença de vários equipamentos culturais que foram destacados, distinguindo cada um deles. Essa diversidade de usos traz ao entorno um público variado, de diferentes faixas etárias, interesses e regiões.



Figura 64: Uso e Ocupação do Entorno

Fonte: A autora (2012)



ESCALA

LEGENDA:

 TERRENO ESCOLHIDO

01 - FUNDAÇÃO COPEL

02 - NÚCLEO TEATRAL

03 - TEATRO JOSÉ MARIA SANTOS

04 - TEATRO LALA SCHNEIDER

05 - CENÁCULO ARQUIDIOCESANO

06 - CONSERVATÓRIO DE MÚSICA BRASILEIRA

07 - CASA JOÃO TURIN

08 - IGREJA DO ROSÁRIO

09 - SOLAR DO ROSÁRIO

10 - ESPAÇO CULT

11 - CASA HOFFMAN

12 - IGREJA DA ORDEM

13 - ESPAÇO DA LEITURA

14 - IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE

15 - MEMORIAL DE CURITIBA

16 - CASA VERMELHA

17 - CASA ROMÁRIO MARTINS

18 - CASA DA MEMÓRIA

Figura 65: Equipamentos de destaque no entorno

Fonte: A autora (2012)

Pode-se observar pelo mapa (figura 65) que o terreno faz divisa com dois importantes teatros pela testada da R. Treze de Maio, o Teatro José Maria Santos e o Teatro Laila Shneider, bem como a Casa Hoffmann pela testada do Largo da Ordem.

Teatro Lala Schneider

O Teatro Lala Schneider, de iniciativa privada, foi inaugurado em 1994 pelo ator e diretor João Luiz Fiani. Além de apresentar espetáculos, também possui um curso de artes cênicas. De acordo com o teatro, mensalmente recebe cerca de 10000 espectadores e realiza cerca de 40 apresentações. É composto por duas salas, que também estão disponíveis para locação.



Figura 66: Vista da entrada – Teatro Lala Schneider

Fonte: A autora (2012)



Figura 67: Vista da platéia - Teatro Lala Schneider

Fonte: Teatro Lala [20 –]

Teatro José Maria Santos

O edifício onde hoje se encontra o Teatro José Maria Santos foi construído em 1890 com a função de malharia/confecção da família Hoffmann. Foi reformado em 1970 e sofreu um incêndio que o destruiu parcialmente em 1980, período no qual foram realizadas novas reformas para abrigar a Fábrica do Samba, em 1981. Em 1982, com esforços de artistas e intelectuais liderados por José Maria Santos, foi inaugurado como Teatro da Classe.

Em 1986, após sofrer com a falta de público e recursos, reinaugura com o nome de Teatro Treze de Maio. É então tombado pelo Governo do Estado, começando então a revitalização do espaço. Apenas após a morte de José Maria Santos, em 1990, que se inicia a mobilização para transformar o espaço.

Em 1998, reabre como Teatro José Maria Santos, em homenagem ao autor muito engajado na luta pela sua preservação (TEATRO GUAÍRA, [20 –]).

Atualmente, o Teatro possui um palco italiano e platéia com 177 lugares, dois camarins e área de circulação que abriga exposições. Em sua área externa, possui uma chaminé remanescente da sua função original de malharia. É

administrado pela Secretaria de Estado da Cultura através do Centro Cultural Teatro Guaíra.



Figura 68 e 69: Vista da Fachada Lateral e chaminé - Teatro José Maria Santos
Fonte: A autora (2012)

Casa Hoffmann

A Casa Hoffmann foi construída juntamente com o edifício para malharia/confecções (atualmente Teatro José Maria Santos), em 1890. Foi habitada pelos Hoffmann até o ano de 1974, sendo posteriormente alugada e sofrendo diversas modificações até que um incêndio a destruiu em 1996. Apenas as paredes laterais e fachada foram mantidas do projeto original, sendo catalogada como Unidade de Interesse de Preservação e restaurada no ano de 2002. Foi reinaugurada em 2003 como sede do Centro de Estudos do Movimento, que promove o desenvolvimento artístico nas áreas de dança e teatro.



Figura 70: Casa Hoffmann
Fonte: Haupt & Binder (2012)



Figura 71: Casa Hoffmann - vista interna
Fonte: As tarde de Dionísio (2010)

A oeste da fachada para o Largo da Ordem, o terreno faz divisa com o Espaço Cult. Esse espaço é utilizado como locação para eventos, como festas, shows de música, eventos empresariais e de faculdade.



Figura 72: Espaço Cult - Vista frontal
Fonte: A autora (2012)



Figura 73: Espaço Cult - Vista lateral
Fonte: Espaço Cult (2012)

Em frente ao lote pela testada do Largo da Ordem, existe o Memorial de Curitiba, outro equipamento urbano de destaque, projetado por Fernando Popp e Valéria Bechara. Possui um palco aberto em sua praça interna, um auditório para apresentações de música e teatro, e sala de exposições em seu andar superior. É um espaço cultural para eventos e mostras que se relacionem com a memória da cidade de Curitiba.



Figura 74: Memorial de Curitiba - fachada
Fonte: IPPUC (2004)



Figura 75: Memorial de Curitiba - vista interna
Fonte: Laupo (2011)

5.2 SISTEMA VIÁRIO

Em relação ao sistema viário, as ruas Mateus Leme, Claudino dos Santos (figuras 76 e 77) e São Francisco, no trecho em que convergem para o Largo da Ordem, são exclusivas para pedestres. As ruas Barão do Serro Azul, Treze de Maio e travessa Nestor de Castro (figuras 78, 79 e 80) apresentam grande fluxo de veículos, e de acordo com a hierarquização do sistema viário da lei nº 9800/2000, a rua Treze de Maio é classificada como Via de Ligação Prioritária 2, que:

caracterizam-se como corredores com grande volume de tráfego, estabelecendo ligações entre os Setores Especiais Estruturais e vias importantes do sistema viário principal, onde os parâmetros de uso e ocupação do solo devem proporcionar a fluidez do tráfego (CURITIBA, 2000).



Figura 76: Rua Claudino dos Santos
Fonte: A autora (2012)



Figura 77: Rua Mateus Leme
Fonte: A autora (2012)



Figura 78: Rua Barão do Serro Azul
Fonte: Google Maps (2012)



Figura 79: Rua Treze de Maio
Fonte: Google Maps (2012)



Figura 80: Travessa Nestor de Castro

Fonte: Google Maps (2012)

Quanto ao transporte público, de acordo com pesquisa realizada no site da URBS, em setembro, as seguintes linhas de ônibus se encontram próximas à Praça Garibaldi, pertencente ao Setor Histórico: A. Munhoz/ J. Botânico, B. Alto/ Sta Felicidade, Bom Retiro/PUC, Bracatinga, C. Música/V. Alegre, Cabral/Osório, Circular Centro (anti-horário), Circular Centro (horário), Colombo/CIC, Fredolin Wolf, Interhospitais, Jd. Itália, Jd. Kosmos, Jd. Mercês/Guanabara, Júlio Graf, Mad. Abranches, Mad. Pilarzinho/Uberaba, Mad. Sta. Felicidade, Mad. São Bráz, Nilo Peçanha, Novena, Pinhais/C. Comprido, Primavera, Raposo Tavares, Raquel Prado/PUC, Savóia, Sta. Felicidade, São Bernardo, Turismo, V. Nori.

Em uma raio de aproximadamente 1km a partir do Largo da Ordem, identificamos alguns pontos de concentração de linhas de ônibus: a Travessa Nestor de Castro, as praças 19 de Dezembro, Tiradentes, Zacarias, General Osório, Carlos Gomes e Santos Andrade, além do Terminal do Guadalupe (figura 81).



Figura 81: Pontos de concentração de linhas de ônibus próximos ao Largo da Ordem
Elaborado a partir da fonte GoogleMaps

5.3 DIMENSÕES E TOPOGRAFIA

As curvas de nível, de um em um metro, apresentadas no mapa (figura 82) foram feitas com base de loteamentos do IPPUC. Calculou-se então as cotas dos extremos do terreno, estipulando-se como 0,00 a cota mais baixa. Pode-se notar que o terreno possui uma cota menor na rua Treza de Maio, e que esta aumenta conforme se caminha para Sudoeste. O terreno não apresenta grandes diferenças entre declividades, tendo seu ponto mais alto na Rua Claudino dos Santos, com 3,39 metros de diferença com o ponto mais baixo do terreno na Treze de Maio.

As dimensões do terreno foram cotadas com base no mesmo arquivo: o terreno apresenta um formato irregular, tendo como testadas 21,2 metros na rua Treze de Maio e 8,3 metros na rua Claudino dos Santos. A área aproximada do terreno é de 1737 m².

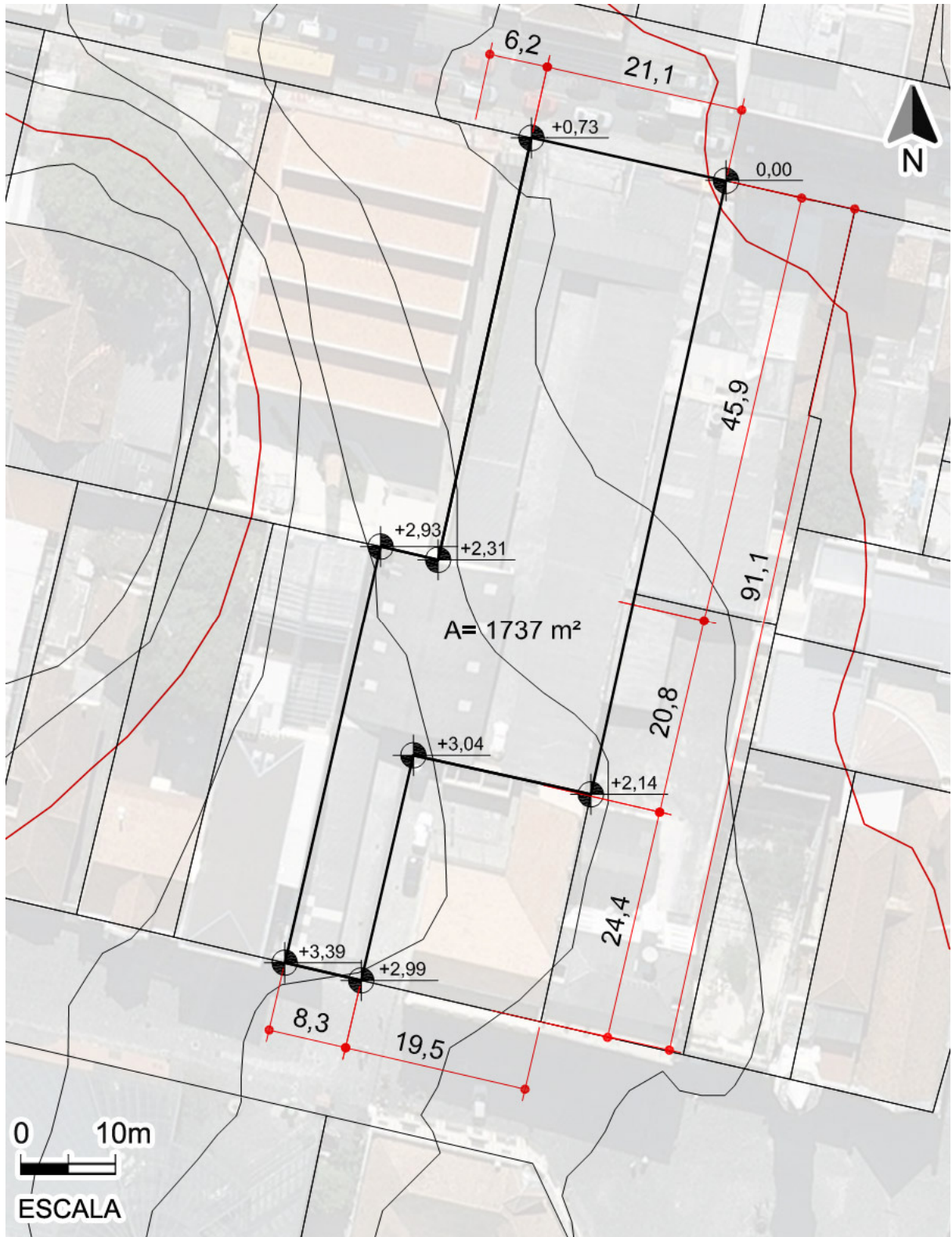


Figura 82: Lote com níveis e cotas

Elaborado a partir da fonte IPPUC e GOOGLEMAPS

5.4 LEGISLAÇÃO

De acordo com a guia amarela do lote de inscrição fiscal 11037037, o terreno apresenta uma indefinição de zoneamento. Por possuir duas testadas, entende-se que uma delas está condicionada a Zona do Setor Especial Histórico, e a outra voltada para a rua Treze de Maio está classificada como Zona Residencial ZR-4, como podemos observar no mapa de zoneamento (figura 83).

A Zona do Setor Especial Histórico é dividida em dois subsetores, em que o terreno escolhido pertence ao Subsetor 1.

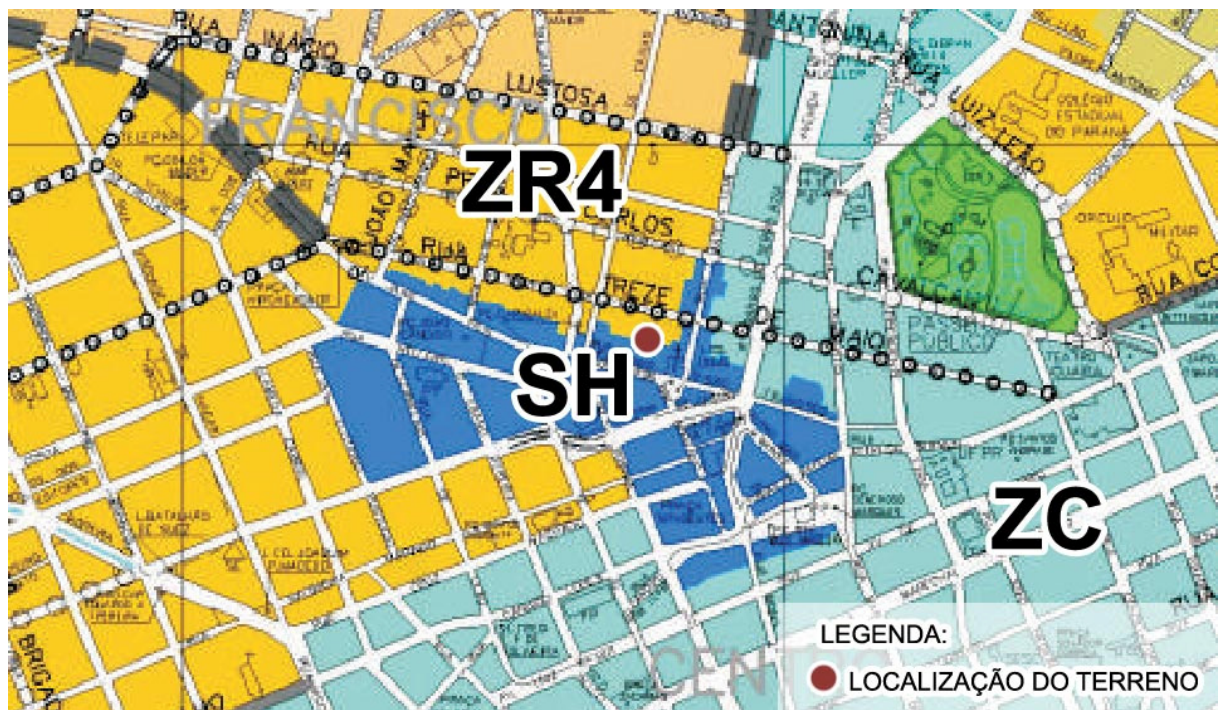


Figura 83: Mapa de Zoneamento

Elaborado a partir da fonte IPPUC

Os parâmetros para as duas zonas são os seguintes, de acordo com a lei de Zoneamento 9.800/2000 e o Decreto nº185 dessa mesma lei :

Zona Residencial 4

Usos permitidos:

Habitação coletiva, habitação transitória 1, habitação institucional, comércio e serviço vicinal e de bairro.

Usos tolerados:

Habitação unifamiliar, habitações unifamiliares em série, comunitário 1.

Ocupação:

Porte = 200m²

taxa de ocupação máxima = 50%

altura máxima = 6 pavimentos

taxa de permeabilidade mínima = 25%

coeficiente de ocupação = 2

recuo mínimo = 5m

afastamento das divisas: acima de 2 pavimentos = $H/6$, com o mínimo de 2,5m

lote mínimo (testada x área) = 15x450

Setor Especial Histórico - Subsetor 1Usos permitidos:

Habitação coletiva, Habitação transitória 1 e 2, comunitário 1 e 2, comércio e serviço vicinal e de bairro e comércio e serviço setorial.

Usos tolerados:

Habitação unifamiliar

Usos permissíveis:

Comunitário 2 e 3 - Ensino.

Ocupação:

taxa de ocupação máxima = 100% no térreo, 80% nos demais pavimentos

altura máxima = 3 pavimentos

taxa de permeabilidade = não possui

coeficiente de ocupação = 2,6

recuo mínimo = obrigatório no alinhamento

afastamento das divisas = não possui

lote mínimo (testada x área) = 11x330

Percebe-se pelo zoneamento que a testada mínima do terreno, de 11 metros não é atendida, se considerada a fachada da rua Doutor Claudino dos Santos. Faz-se então necessária uma adequação do lote a ser considerado para o projeto, que será uma das diretrizes projetuais, detalhado no sexto capítulo.

Por estar situado em área de preservação histórica e cultural, o projeto deve também respeitar as edificações do entorno, como definido pelo artigo 6º, caput 1 do Decreto nº 185/2000:

As obras decorrentes do "caput" deste artigo, sujeitam-se à influência restritiva por parte das Unidades de Interesse de Preservação - UIPs, mais próximas, no que diz respeito ao limite de altura, modulação, volumetria, escala, cor, materiais construtivos e revestimentos utilizados nas fachadas e coberturas, devendo manter uma aparência neutra com relação a paisagem urbana.

O projeto também deverá respeitar outras leis, as quais destacam-se:

Decreto 582/1990: Estabelece normas para estacionamento ou garagem de veículos. No caso de equipamentos culturais como cinema, estipula 1 vaga a cada 12,50 m² de área construída destinada aos espectadores.

NBR 9050: Dispõe sobre os parâmetros de construção ou elementos construtivos para que promovam a acessibilidade às pessoas com dificuldade de locomoção ou deficiência física.

NBR 9077: Norma sobre saídas de emergência em edifícios, para que apresente condições, em caso de incêndio, para que os usuários possam abandoná-los protegidos em sua integridade física, e facilitar o acesso de auxílio externo para o combate ao fogo e retirada da população.

NBR 14880: Complementa a NBR 9077, apresentando uma metodologia para que deixar livre de fumaça o volume das escadas de segurança, em caso de incêndio. Estabelece conceitos de aplicação, princípios gerais de funcionamento e parâmetros básicos para o desenvolvimento do projeto.

6. DIRETRIZES PROJETUAIS

O presente trabalho tem como diretrizes a criação de um espaço cinematográfico que promova não apenas a exibição de filmes, mas a cultura cinematográfica em geral. Um outro fator de grande relevância é possibilitar ao usuário desfrutar o espaço pela convivência social, resgatando uma característica existente nos antigos cinemas mas que foi perdida nos dias atuais.



Figura 84: Terreno escolhido e áreas para intervenção

Elaborado a partir da fonte GoogleMaps

Há a possibilidade de apropriação do terreno onde hoje se encontra o Espaço Cult, bem como a integração com os espaços da Casa Hoffman e do Teatro José Maria Santos ao projeto, com espaços de uso comum (figura 84). Isso implicará em uma qualidade de espaço maior, tanto pela expansão da fachada voltada ao Largo da Ordem, como uma conexão maior com seu entorno.

O público a que se destina o projeto compreende tanto profissionais como estudantes da área, por abrir espaço para exibição e discussão de seus trabalhos, como o público leigo, por promover a cultura cinematográfica não apenas do circuito comercial mas também o denominado cinema de arte.

As preocupações acústicas deverão permear o projeto desde sua concepção, por entender que a boa acústica é uma característica essencial para a produção do espaço de cinema.

Propõe-se também uma parceria com a iniciativa privada, como um possível provedor de recursos para a construção e manutenção desse espaço. Muitas vezes programas de domínio público acabam por não ser realizados ou demoram demasiadamente para sua conclusão (como no caso do Portão Cultural, como já citado), devido à falta de recursos. Para detentores de grandes capitais, como empresas ou conglomerados financeiros, essa questão não significaria um problema, e é de seu interesse a vinculação de sua marca a espaços culturais, trazendo um caráter mais humanitário para sua imagem.

6.1 PROGRAMA BÁSICO DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

A elaboração de um programa básico de necessidades para o projeto foi feita usando como base os estudos de caso, considerando também o caráter de sociabilização que se pretende estabelecer para o projeto. Primeiramente a setorização se faz necessária para a melhor compreensão do programa. Logo, os espaços compreendidos nesse projeto serão classificados em diferentes setores: exibição, convivência, ensino e acervo, serviços.

Dois acessos são propostos: o acesso ao público, através do *foyer*, e o acesso de serviços. Cada qual é interligado às funções que lhe cabem, podendo ser utilizados de maneira independente.

O setor de exibição abriga funções relacionadas às salas de cinema, que compreende a bilheteria, bombonière, três salas de exibição e salas de projeção. A bilheteria dará acesso às salas de exibição, que deverão possuir uma circulação em comum exclusiva para a saída. As salas de exibição são propostas com 120 lugares cada, de maneira semelhante ao que ocorre na Cinemateca de Curitiba. A sala de projeção abriga os equipamentos necessários para a projeção do filme, podendo ser compartilhada entre duas salas se estas se encontrarem uma de cada lado da de projeção, como é o caso do ArtsQuest Center.

O setor de convivência compreende o *foyer* e outras áreas sociais: café, videoteca e galeria. O *foyer* interliga todas as funções destinadas ao público, de maneira a promover uma integração entre usos e portanto uma convivência maior que abrirá espaço para a discussão da arte cinematográfica. A videoteca abrigará um acervo de vídeos que poderão ser emprestados ou vistos no local, com o intuito de difusão do conhecimento, criação e formação de novos públicos. A galeria abrigará exposições sobre a história e desenvolvimento do cinema, podendo essa ser de caráter interativo.

O setor de ensino e acervo possuirá três salas para cursos e palestras, espaços para conservação de películas e com sala de arquivo, com acesso restrito pela sala de controle. As salas para curso podem abrigar 30 pessoas cada uma, espaços usados também para debate e palestras. Interligado ao setor de ensino, serão desenvolvidas atividades para a conservação do acervo: são duas salas de conservação de películas, uma para filmes de película de nitrato e outra para filmes de película de acetato. Cada um desses tipos necessita de cuidados quanto à

temperatura e umidade diferentes, e portanto devem ser separados em duas salas. A sala de arquivos terá películas usadas para exibição, devendo portanto possuir uma ligação com a sala de projeção.

O setor de serviços terá seis salas de administração, secretaria, reuniões, bem como áreas de apoio, como áreas para convivência dos funcionários, vestiários e dois depósitos. Pertence a ele também as áreas de serviço referentes ao café: cozinha, depósito e carga/descarga. As salas de administração serão referentes à diretoria, programação, divulgação, apoio, tesouraria, produção de eventos e secretaria de cursos. Contará com dois vestiários, um masculino e outro feminino.

Cada um desses setores também dispõe de instalações sanitárias, de acordo com o fluxo de usuários.

Um organograma, de acordo com os setores a que pertencem, é mostrado na figura 85 abaixo:

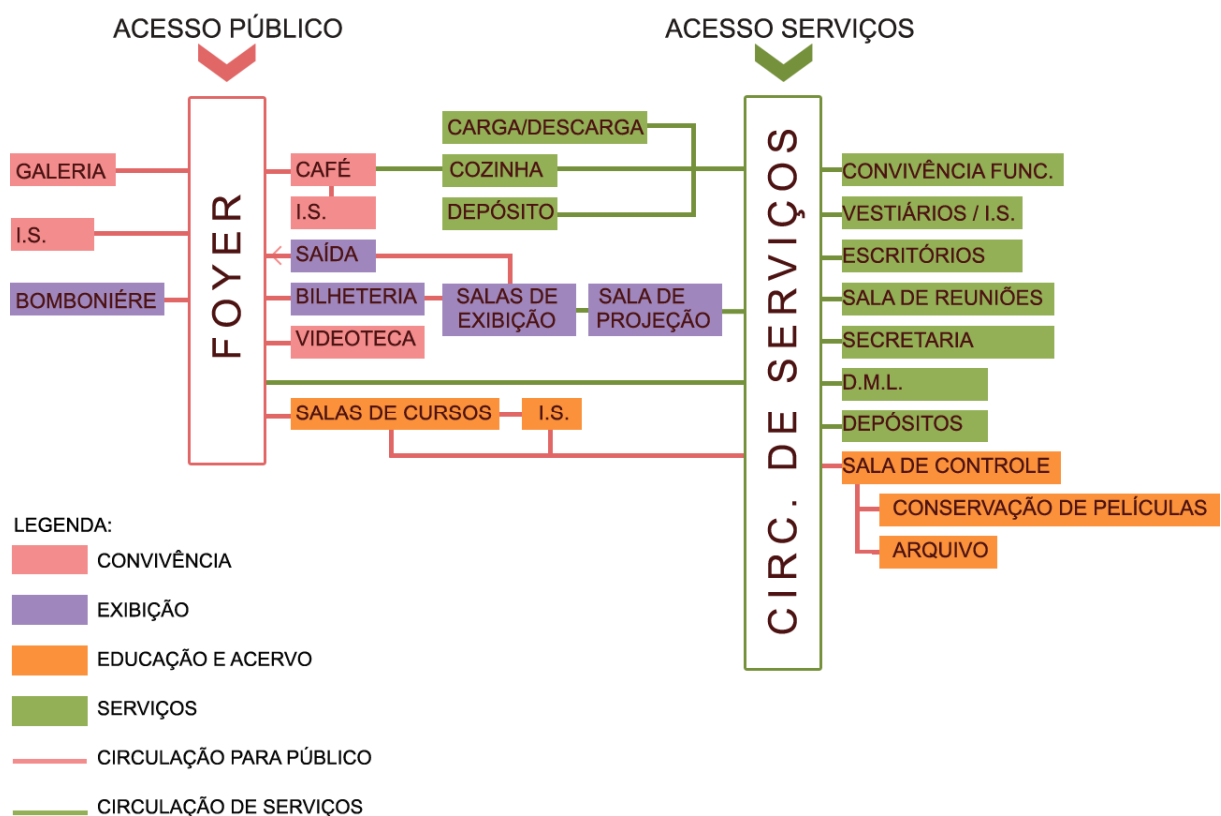


Figura 85: Organograma dividido em setores

Fonte: A autora (2012)

Para as salas de exibição, foi estabelecida uma média de 150 m² para cada uma, tendo como referência a sala da Cinemateca de Curitiba, com aproximadamente 120 m². As salas para cursos, assim como área de administração, vestiários e instalações sanitárias foram dimensionados com base em exemplos de Neufert (2009). Os estacionamentos são considerados áreas não computáveis de acordo com o Decreto nº197/2000 e sua área foi calculada como uma vaga para cada 12,5m² de área de espetáculo, que no caso é 450 m². A área de estacionamento considerou apenas o tamanho da vaga, de 2,5 por 5 metros, excluindo a área de circulação, somada posteriormente. Para as demais áreas, o estudo de pré-dimensionamento levou em consideração estudos de caso bem como a escala, usos e organização espacial de cada ambiente.

Com base nesse estudo, elaborou-se um quadro de áreas, com a metragem quadrada proposta para cada ambiente e seu total.

Ambiente		Quantidade	Área Total
Convivência	Foyer	1	250 m ²
	Café	1	100 m ²
	Cozinha	1	30 m ²
	Depósito	1	20 m ²
	Carga/ Descarga	1	20 m ²
	Videoteca	1	100 m ²
	Galeria	1	150 m ²
	Instalações sanitárias M/F	2	(2* 12) = 24 m ²
Exibição	Bomboniére	1	4 m ²
	Bilheteria	1	5 m ²
	Salas de exibição	3	(3*150) = 450 m ²
	Sala de projeção	3	(3*25) = 75 m ²
Ensino e Acervo	Sala para cursos	3	(3*50) = 150 m ²
	Controle	1	4 m ²
	Conservação de películas	1	20 m ²
	Sala de arquivo	1	20 m ²

Serviços	Recepção	1	4 m ²
	Sala de convivência para func.	1	20 m ²
	Vestiários	2	(2*10) = 20 m ²
	Escritórios	6	(6*12) = 72 m ²
	Sala de reuniões	1	15 m ²
	Secretaria	1	12 m ²
	DML	1	5 m ²
	Depósitos	2	(2*15) = 30 m ²
	I.S.	2	(2*6) = 12 m ²
Estacionamento		36 vagas	450 m ²
Subtotal			2082 m ²
Circulação			15 % * 2082 = 312 m ²
TOTAL			2394 m ²

Tabela 02: Quadro de áreas - pré-dimensionamento

Fonte: A autora (2012)

A área prevista então para atender ao programa de necessidades é de 2394 m², sendo 450 m² desse total área não computável.

Quanto à ocupação máxima do terreno, vimos anteriormente que o lote está dividido entre ZR-4 e SEH, dos quais 961 m² pertencem a Zona Residencial 4, enquanto que 776 m² pertencem ao Setor Especial Histórico.

Multiplicando-se cada área com seu respectivo coeficiente de aproveitamento, temos que a área máxima a ser ocupada é de $(2*961 + 2,6*776) = 1922 + 2017,6 = 3939,6$ m², satisfazendo as condições de pré-dimensionamento.

6.2 PARTIDO ARQUITETÔNICO

O trabalho tem como foco a inserção do espaço cinematográfico através da integração de espaços com lotes vizinhos, bem como a possibilidade de atravessar o lote estudado promovendo uma interligação ente a rua 13 de maio e o Largo da Ordem.

Por se situar em uma área do Setor Histórico, o respeito as proporções, alturas, e a própria linguagem das edificações deve estar presente, inserindo-se harmoniosamente no contexto.

Será proposta então uma edificação que se integre com o entorno, que traga uma riqueza cultural maior e que faça o transeunte apreciar o novo local plenamente, adicionando ao espectador uma nova visão da arte cinematográfica. A arquitetura deve respeitar o ambiente natural, tornando-se um ícone de referência mas que harmonize com os edifícios vizinhos.

Em relação ao revestimento e forma, propõe-se que o edifício apresente uma arquitetura expressiva, acessível, que faça referência à arte cinematográfica de alguma maneira.

7. CONCLUSÃO

Através da pesquisa teórica, pode-se compreender a inserção dos cinemas dentro de Curitiba, entendendo as possibilidades da criação de um novo espaço com essa função. Pelos estudos de acústica e visibilidade, pode-se extrair conhecimentos técnicos que possibilitarão a elaboração adequada das salas de projeção.

Os estudos de caso contribuíram para o entendimento das soluções arquitetônicas aplicadas, em relação à escala, estrutura, inserção no entorno e partido arquitetônico.

Com o estudo da realidade e do local, tornou-se mais claro o cenário em que deve ser desenvolvida a proposta, trazendo uma leitura atual ao se abordar diferentes aspectos do terreno e seu entorno imediato. Os aspectos culturais, físicos e legislativos que estão incorporados ao terreno foram de grande importância para o desenvolvimento das diretrizes projetuais, até a elaboração das intenções de projeto.

Buscou-se com esse trabalho a fundamentação teórica que servirá de base para a aplicação dentro da esfera do projeto, na etapa seguinte.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRÁFICAS

ADDAMS, J. **The Spirit of Youth and the City Streets**. Nova York: Macmillan, 1910, p. 86.

ALMEIDA, Jose Gil de. **A história do Movimento Cineclubista Paranaense**. 2. ed. ampl. e rev. Curitiba: Jornal Agua Verde, 2008. 106p.

BILHARINHO, G. **Cem anos de cinema**. Uberaba: Instituto Triangulino de Cultura, 1997. 216p.

BONADIO, M. G. **Reabilitação Urbana: Setor Histórico De Curitiba - PR**. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

CARVALHO, B. de A. **Acústica aplicada à arquitetura**. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1967. 100p., il.

CASA HOFFMANN - Centro de Estudos do Movimento. Disponível em: <<http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/espacos-culturais/espaco/casa-hoffmann-centro-de-estudos-do-movimento/>>. Acesso em: 02 out 2012

CASA HOFFMANN . Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/servicos/cidadao/equipamento/casa-hoffmann-centro-de-estudos-do-movimento/1626/>>. Acesso em: 02 out 2012

CINEMA. In: NOVA Enciclopédia Barsa. 6. ed. São Paulo: Barsa Planeta Internacional, 2002, v. 4, p. 199-215.

CINEMATECA DO MUSEU GUIDO VIARO. **Regulamento**. Curitiba, 1975.

COHN, D. **Film Theatre in Catalonia by Mateo Architects**. Disponível em: <<http://www.architectural-review.com/buildings/film-theatre-in-catalonia-by-mateo-architects/8627006.article?blocktitle=Buildings&contentID=2277/>>. Acesso em: 15 mai 2012

CRISTO, L. **24 quadros: uma viagem pela Cinelândia curitibana**. 1.ed. Curitiba: Travessa dos Editores, 2010. 167p.

CURITIBA. Decreto Municipal nº 185, de 3 de abril de 2000. Câmara Municipal de Curitiba. Disponível em: <<http://www.cmc.pr.gov.br/wspl/sistema/BibLegislacaoForm.jsp>>. Acesso em: 06 out. 2012.

_____. Decreto Municipal nº 197, de 3 de dezembro de 2000. Câmara Municipal de Curitiba. Disponível em: <<http://www.cmc.pr.gov.br/wspl/sistema/BibLegislacaoForm.jsp>>. Acesso em: 06 out. 2012.

_____. Decreto Municipal nº 582, de 14 de dezembro de 1990. Câmara Municipal de Curitiba. Disponível em: <
<http://www.cmc.pr.gov.br/wspl/sistema/BibLegislacaoForm.jsp> >. Acesso em: 06 out. 2012.

_____. Decreto Municipal nº 1.160, de 5 de agosto de 1971. Câmara Municipal de Curitiba. Disponível em: <
<http://www.cmc.pr.gov.br/wspl/sistema/BibLegislacaoForm.jsp> >. Acesso em: 05 out. 2012.

_____. Lei Municipal nº 2.828, de 10 de agosto de 1966. Câmara Municipal de Curitiba. Disponível em: <
<http://www.cmc.pr.gov.br/wspl/sistema/BibLegislacaoForm.jsp> >. Acesso em: 05. out. 2012.

_____. Lei Municipal nº 9.800, de 3 de janeiro de 2000. Câmara Municipal de Curitiba. Disponível em: <
<http://www.cmc.pr.gov.br/wspl/sistema/BibLegislacaoForm.jsp> >. Acesso em: 05. out. 2012.

D'ANTONIO P.; COX T. **Acoustic Absorbers and Diffusers: Theory, Design and Application**. Londres: Spon Press, 2009.

DESIGNTECTURE. Disponível em: <<http://www.designitecture.com/architecture/film-theatre-of-catalonia-by-mateo-arquitectura/>> Acesso em: 25 ago 2012

DUARTE, R. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUCATI, A. **Feira do Largo da Ordem recebe mais de 20 mil pessoas aos domingos**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/parana/noticia/2012/04/projeto-quer-ampliar-dias-da-feira-do-largo-da-ordem-de-curitiba.html/>>. Acesso em: 27 set 2012

EVEREST, F. A.; POHLMANN, K. C. **Master Handbook of Acoustics**. Nova York: McGraw-Hill, 2009.

FENIANOS, E. E. **São Francisco: uma história de monumentos**. Curitiba: Univercidade, 1998. 61 p. (Coleção Bairros de Curitiba; v. 14).

FLORENCE, L. **Morte e Vida do Cinema de Rua**. Disponível em: <<http://revistaveneza.wordpress.com/2011/03/27/morte-e-vida-do-cinema-de-rua/>>. Acesso em: 24 mar 2012

GALVÃO NETO, A. A Arte Fílmica e sua Pedagogia. “**Existência e Arte**”- **Revista Eletrônica do Grupo PET** . Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei, v. 1, n.1, janeiro a dezembro de 2005.

HERZOG, C. **The Movie Palace and the Theatrical Sources of its Architectural Style**. In HARK, In Rae(org.) **Exhibition, the Film Reader**. Routledge: Londres, 2002.

IPPUC. **Plano de Revitalização do Setor Histórico de Curitiba**. Curitiba: IPPUC, 1970.

IPPUC. **Histórico do planejamento e projeto de lei do plano diretor adequado ao estatuto da cidade**. Novembro de 2004. Disponível em: <http://admsite.ippuc.org.br/arquivos/documentos/D31/D31_012_BR.pdf/>. Acesso em: 24 set. 2012

LABAKI, A. **O Cinema Brasileiro: de o Pagador de Promessas a Central do Brasil**. São Paulo: Publifolha, 1998.

LEONI, M. M. O.; CIFFONI, A. L. P. S.; BINDO, R. A. A. **Patrimônio Edificado de Curitiba**. Curitiba: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, 1996. P.6

Liberado potencial construtivo para obra do Cine Passeio. Disponível em: <<http://www.fundacaoculturaldecureitiba.com.br/noticias/liberado-potencial-construtivo-para-obra-do-cine-passeio->> Acesso em: 24 ago 2012

MACHADO, M. Prefácio. CRISTO, L. **24 quadros**: uma viagem pela Cinelândia curitibana. 1.ed. Curitiba: Travessa dos Editores, 2010. p. 13-15.

MACHADO, A. **Pré-Cinemas e Pós Cinemas (2ªed.)**. São Paulo: Papirus, 2002.

MANZANO, L. A. F. **Som-imagem no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MARCO C. S. De. **Elementos da Acústica Arquitetônica**. São Paulo: Nobel, 1990

MASSAD, F. ; YESTE, A. G. **Filmoteca da Catalunha** Disponível em: <<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/214/projetada-por-josep-lluis-mateo-para-area-decadente-de-barcelona-244679-1.asp>>. Acesso em: 16 mai 2012

MATEO Arquitetura. Disponível em: <<http://www.mateo-maparchitect.com/2010/11/05/film-theatre-of-catalonia/#more-1110>>. Acesso em: 15 mai 2012

MELO, A. ; PELLI R. **Cinema no olho da rua**. jul 2011. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/cinema-no-olho-da-rua>>. Acesso em: 24 mar 2012

MEMORIAL DE CURITIBA. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/servicos/cidadao/equipamento/memorial-de-curitiba/277>>. Acesso em 02 out 2012

MENDES, E. S. S. **A Trilha Sonora nos Curta-Metragens de Ficção realizados em São Paulo entre 1982 e 1992**. Dissertação de mestrado. São Paulo, ECA-USP, 1994.

MENOTTI, G. A arquitetura da espetação: A construção histórica da Situação Cinema nos espaços de exibição cinematográfica. **Ciberlegenda**, n. 18, Jan. 2011..

Disponível em:

<<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/187/85>>. Acesso em 26 mar 2012

NEUFERT, E.; NEUFERT, P. **Arte de projetar em arquitetura**: princípios, normas, regulamentos sobre projeto, construção, forma, necessidade e relações espaciais, dimensões de edifícios, ambientes, mobiliário, objetos : manual para arquitetos, engenheiros, estudantes, professores, construtores e proprietários. 17. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

OBA, L. T. **Os marcos urbanos e a construção da cidade: a identidade de Curitiba**. Tese apresentada à FAUUSP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998. 327 p.

OLIVEIRA, R. S. C. de. **Escola de Cinema - Centro Educacional do Cinema Paranaense**. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

PROCEL EDIFICA. **Acústica Arquitetônica**. Rio de Janeiro, 2011. Material didático.

PEREIRA, R. P. **Introdução ao Filme Musical Brasileiro**, In Filme Cultura,, ano I, nº 6, Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Cinema, 1967.

ROLNIK, R. **Cinemas de rua: realidade ou ficção?** Disponível em:

<<http://raquelrolnik.wordpress.com/2012/03/15/cinemas-de-rua-realidade-ou-ficcao/>>. Acesso em: 24 mar 2012

ROSENZWEIG, R. From **Rum Shop to Rialto: Workers and The Movies**. In WALLER, Gregory. *Moviegoing in America - A sourcebook on the history of Film Exhibition*. Massachusetts: Blachwell, 2002.

RUPP, I. **Curitiba "ganha" Portão Cultural**. Disponível em:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1269621&tit=Curitiba-ganha-Portao-Cultural/>>. Acesso em: 21 ago 2012

SANTOS, F. A. dos. Cinema Paraná, nova geração. **Boletim da Casa Romário Martins**, Curitiba, v.23, n 114, 1996.

SANTOS, A. P. P. **Cinemateca de Curitiba**. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

SETOR Histórico será só para pedestres. Gazeta do Povo, Curitiba, 27 fev. 1980.

SEVERO, F. Entrevista sobre cinemas da atualidade. In: Cinema de rua, um negócio em via de extinção. **Jornal de Londrina**, Londrina, 2012. Disponível em : <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1227211>>. Acesso em: 21 jun 2012

SPILLMAN FARMER ARCHITECTS. Disponível em:
<<http://www.spillmanfarmer.com/#/artsquest%20center%20at%20steelstacks>>
Acesso em: 24 mai 2012

SPILLMAN FARMER ARCHITECTS. Disponível em:
<<http://www.spillmanfarmer.com/#/aia%20pennsylvania%20architectural%20excellence%20awards>> Acesso em: 24 mai 2012

TAVARES, H. M. Cinemateca de Curitiba - 30 anos. **Boletim da Casa Romário Martins**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.29, m,128, setembro 2005.

Teatro José Maria Santos - História. Disponível em:
<<http://www.teatroguaira.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=861/>>
. Acesso em: 01 out 2012

Teatro Lala Schneider - História. Disponível em:
<<http://www.teatrolala.com.br/sobre/>>. Acesso em: 01 out 2012

TEIXEIRA, D. Entrevista sobre a Cinemateca. In: **Cinemateca de Curitiba**, 42f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

XAVIER, A. **Arquitetura moderna em Curitiba**. São Paulo; Curitiba: Ed. Pini: Fundação Cultural de Curitiba, 1986.

9. FONTE DE IMAGENS

Figura 01: A AUTORA. **Mapa dos Cinemas de Rua de Curitiba**. Baseado no livro : CRISTO, L. 24 quadros: uma viagem pela Cinelândia curitibana. 1.ed. Curitiba: Travessa dos Editores, 2010. 167p.

Figura 02: CASA DA MEMÓRIA. **Cine Palácio**. In: CRISTO, L. 24 quadros: uma viagem pela Cinelândia curitibana. 1.ed. Curitiba: Travessa dos Editores, 2010. 167p.

Figura 03: CASA DA MEMÓRIA. **Cine Luz**. In: CRISTO, L. 24 quadros: uma viagem pela Cinelândia curitibana. 1.ed. Curitiba: Travessa dos Editores, 2010. 167p.

Figura 04: CRISTO, L. Antigo Cine Morguenal, instalado na Sociedade Morguenal em 1919. In: 24 quadros: uma viagem pela Cinelândia curitibana. 1.ed. Curitiba: Travessa dos Editores, 2010. 167p.

Figura 05: CARVALHO. **Ângulo de Incidência e reflexão do som, em superfície plana**. In: Acústica aplicada a arquitetura. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1967. 100p.

Figura 06: CARVALHO. **Comportamento do som em diferentes superfícies** In: Acústica aplicada a arquitetura. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1967. 100p.

Figura 07: CARVALHO. **Difração sonora**. In: Acústica aplicada a arquitetura. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1967. 100p.

Figura 08: CARVALHO. **Difração por reflexão**. In: Acústica aplicada a arquitetura. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1967. 100p.

Figura 09: CARVALHO. **Controle direcional do som** In: Acústica aplicada a arquitetura. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1967. 100p.

Figura 10: ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Tempo ótimo de reverberação**. NBR 12179 . Tratamento acústico em recintos fechados. Rio de Janeiro, 1992.

Figura 11: CARVALHO. **Traçado da curva de visibilidade para cinemas**. In: Acústica aplicada a arquitetura. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1967. 100p.

Figura 12: CARVALHO. **Zona de má visibilidade**. In: Acústica aplicada a arquitetura. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1967. 100p.

Figura 13: **Entorno do terreno da Filmoteca da Catalúnia**. Elaborado a partir da fonte: GoogleMaps, 2012.

Figura 14: **Localização do terreno da Filmoteca da Catalúnia**. Elaborado a partir da fonte: GoogleMaps, 2012.

Figura 15: GOULA, A. **Filмотeca da Catalúnia**. Disponível em: < <http://adriagoula.com/>>. Acesso em: 16 mai. 2012

Figura 16: GOULA, A. **Fachada Sul da Filмотeca**. Disponível em: < <http://adriagoula.com/>>. Acesso em: 16 mai. 2012

Figura 17: GOULA, A. **Fachada Norte da Filмотeca**. Disponível em: < <http://adriagoula.com/>>. Acesso em: 16 mai. 2012

Figura 18: GOULA, A. **Acesso térreo da Filмотeca**. Disponível em: < <http://adriagoula.com/>>. Acesso em: 16 mai. 2012

Figura 19: GOULA, A. **Circulação para as salas de cinema**. Disponível em: < <http://adriagoula.com/>>. Acesso em: 16 mai. 2012

Figura 20: GOULA, A. **Interior do edifício**. Disponível em: < <http://adriagoula.com/>>. Acesso em: 16 mai. 2012

Figura 21: GOULA, A. **Iluminação Zenital**. Disponível em: < <http://adriagoula.com/>>. Acesso em: 16 mai. 2012

Figura 22, 23, 24 e 25: **Plantas do térreo ao 3º pavimento**. Disponível em: < <http://www.architectural-review.com/buildings/film-theatre-in-catalonia-by-mateo-architects/8627006.article>>. Acesso em: 16 mai. 2012

Figura 26 e 27: **Plantas dos subsolos**. Disponível em: < <http://www.architectural-review.com/buildings/film-theatre-in-catalonia-by-mateo-architects/8627006.article>>. Acesso em: 16 mai. 2012

Figura 28, 29 e 30: **Cortes**. Disponível em: < <http://www.architectural-review.com/buildings/film-theatre-in-catalonia-by-mateo-architects/8627006.article>>. Acesso em: 16 mai. 2012

Figura 31: **Entorno do Terreno do ArtsQuest Center**. Elaborado a partir da fonte: GoogleMaps, 2012.

Figura 32: **Localização do terreno do ArtsQuest Center**. Elaborado a partir da fonte: GoogleMaps, 2012.

Figura 33: SPILLMAN FARMER ARCHITECTS. **ArtsQuest Center**. Disponível em: <<http://www.spillmanfarmer.com/#/artsquest%20center%20at%20steelstacks>> Acesso em: 24 mai 2012

Figura 34: SPILLMAN FARMER ARCHITECTS. **Maquete eletrônica de inserção no entorno**. Disponível em: <<http://www.spillmanfarmer.com/#/artsquest%20center%20at%20steelstacks>> Acesso em: 24 mai 2012

Figura 35: SPILLMAN FARMER ARCHITECTS. **Aberturas com vista para as antigas fornalhas**. Disponível em:

<<http://www.spillmanfarmer.com/#/artsquest%20center%20at%20steelstacks>>
Acesso em: 24 mai 2012

Figura 36: SPILLMAN FARMER ARCHITECTS. **Perspectiva da estrutura expandida.** Disponível em:
<<http://www.spillmanfarmer.com/#/artsquest%20center%20at%20steelstacks>>
Acesso em: 24 mai 2012

Figura 37: SPILLMAN FARMER ARCHITECTS. **Sala de Cinema de arte.** Disponível em:
<<http://www.spillmanfarmer.com/#/artsquest%20center%20at%20steelstacks>>
Acesso em: 24 mai 2012

Figura 38: SPILLMAN FARMER ARCHITECTS. **Corte esquemático.** Fornecido por email do escritório Spillman Farmer Architects através de requisito em 3 julho 2012.

Figura 39: SPILLMAN FARMER ARCHITECTS. **1º Pavimento.** Disponível em:
<<http://www.spillmanfarmer.com/#/artsquest%20center%20at%20steelstacks>>
Acesso em: 24 mai 2012

Figura 40: SPILLMAN FARMER ARCHITECTS. **2º Pavimento.** Disponível em:
<<http://www.spillmanfarmer.com/#/artsquest%20center%20at%20steelstacks>>
Acesso em: 24 mai 2012

Figura 41: SPILLMAN FARMER ARCHITECTS. **3º Pavimento.** Disponível em:
<<http://www.spillmanfarmer.com/#/artsquest%20center%20at%20steelstacks>>
Acesso em: 24 mai 2012

Figura 42: SPILLMAN FARMER ARCHITECTS. **4º Pavimento.** Disponível em:
<<http://www.spillmanfarmer.com/#/artsquest%20center%20at%20steelstacks>>
Acesso em: 24 mai 2012

Figura 43: **Entorno do terreno da Cinemateca.** Elaborado a partir da fonte: GoogleMaps, 2012.

Figura 44: **Localização do terreno da Cinemateca.** Elaborado a partir da fonte: GoogleMaps, 2012.

Figura 45: A autora. **Entrada da Cinemateca.** Acervo Pessoal, 2012.

Figura 46: A autora. **Passarela - vista olhando para a rua.** Acervo Pessoal, 2012.

Figura 47: A autora. **Sala de Exibição.** Acervo Pessoal, 2012.

Figura 48: **Implantação - Cinemateca.** Prefeitura Municipal de Curitiba. In: SANTOS, A. P. P. Cinemateca de Curitiba. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

Figura 49: **Subsolo - Cinemateca.** Prefeitura Municipal de Curitiba. In: SANTOS, A. P. P. Cinemateca de Curitiba. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

Figura 50: **Pavimento térreo - Cinemateca.** Prefeitura Municipal de Curitiba. In: SANTOS, A. P. P. Cinemateca de Curitiba. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

Figura 51: **1º Pavimento - Cinemateca.** Prefeitura Municipal de Curitiba. In: SANTOS, A. P. P. Cinemateca de Curitiba. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

Figura 52: **Corte Longitudinal - Cinemateca.** Prefeitura Municipal de Curitiba. In: SANTOS, A. P. P. Cinemateca de Curitiba. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

Figura 53: **Portão Cultural.** Disponível em: <<https://ssl.panoramio.com/photo/76665644>>. Acesso em: 21 set 2012

Figura 54: **Sala de Cinema - Cine Guarani.** Disponível em: <http://blog.alceniguerra.com.br/wp-content/uploads/2012/06/tn_600_430_Portao_Cultural_Cinema.jpg>. Acesso em: 21 set 2012

Figura 55: **Projeto do Cine Passeio.** Disponível em: <<http://suplementocultural.blogs.sapo.pt/tag/fcc>>. Acesso em: 21 set 2012

Figura 56: **Divisão em Regionais da Cidade de Curitiba.** Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/default.php>> . Acesso em: 25 set 2012

Figura 57: **Bairro São Francisco.** Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/default.php>> . Acesso em: 25 set 2012

Figura 58: **Vista aérea do Setor Histórico.** Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/default.php>> . Acesso em: 25 set 2012

Figura 59: **Implantação da Travessa Nestor de Castro.** In: DUARTE, Otávio; GUINSKI, Luia Antonio. Imagens da evolução de Curitiba. Curitiba: O.Duarte, 2002. 288 p.

Figura 60: **Feira do Largo da Ordem.** Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/default.php>> . Acesso em: 25 set 2012

Figura 61: **Terreno escolhido para o projeto.** Elaborado a partir da fonte: GoogleMaps, 2012.

Figura 62: A autora. **Vista a partir da Rua Claudino dos Santos para o terreno.** Acervo pessoal.

Figura 63: A autora. **Vista a partir da Rua Treze de Maio para o terreno.** Acervo pessoal.

Figura 64: A autora. **Uso e Ocupação do Entorno.** Elaboração com base em levantamento *in loco*.

Figura 65: A autora. **Equipamentos de destaque no entorno.** Elaboração com base em levantamento *in loco*.

Figura 66: A autora. **Vista da entrada – Teatro Lala Schneider.** Acervo pessoal.

Figura 67: **Vista da platéia - Teatro Lala Schneider.** Disponível em: <<http://www.teatrolala.com.br/cursos/>> Acesso em: 01 out 2012

Figura 68 e 69: A autora. **Vista da Fachada Lateral e chaminé - Teatro José Maria Santos.** Acervo pessoal.

Figura 70: Haupt & Binder. **Casa Hoffmann.** Disponível em: <http://universes-in-universe.org/eng/bien/bienal_curitiba/2011/tour/public_space/01_rimon_guimaraes/> Acesso em: 01 out 2012

Figura 71: **Casa Hoffmann - vista interna.** Disponível em: <<http://astardesdedionisio.blogspot.com.br/2010/08/leitura-de-eu-avec-voce-calor-do.html/>> Acesso em: 01 out 2012

Figura 72: A autora. **Espaço Cult - Vista frontal.** Acervo pessoal.

Figura 73: **Espaço Cult - Vista lateral.** Disponível em: <<http://www.espacocultart.com.br/>> Acesso em: 04 out 2012

Figura 74: **Memorial de Curitiba - fachada.** In: IPPUC. Análise do Plano Diretor de Curitiba - Desenvolvimento Social e Cultural. Disponível em: <http://admsite.ippuc.org.br/arquivos/documentos/D107/D107_011_BR.pdf>. Acesso em: 24 set. 2012

Figura 75: **Memorial de Curitiba - vista interna.** Disponível em: <<http://laupo.files.wordpress.com/2011/02/memorial.jpg/>> Acesso em: 02 out 2012

Figura 76: A autora. **Rua Claudino dos Santos.** Acervo pessoal.

Figura 77: A autora. **Rua Mateus Leme.** Acervo pessoal.

Figura 78: Google Maps, 2012. **Rua Barão do Serro Azul.** Disponível em: <<http://maps.google.com.br>> Acesso em: 02 out 2012

Figura 79: Google Maps, 2012. **Rua Treze de Maio.** Disponível em: <<http://maps.google.com.br>> Acesso em: 02 out 2012

Figura 80: Google Maps, 2012. **Travessa Nestor de Castro.** Disponível em: <<http://maps.google.com.br>> Acesso em: 02 out 2012

Figura 81: **Pontos de concentração de linhas de ônibus próximos ao Largo da Ordem.** Elaborado a partir da fonte: GoogleMaps, 2012.

Figura 82: **Lote com níveis e cotas.** Elaborado a partir da fonte: IPPUC e GoogleMaps, 2012.

Figura 83: **Mapa de Zoneamento.** Disponível em: <
<http://www.ippuc.org.br/default.php>> . Acesso em: 25 set 2012

Figura 84: **Terreno escolhido e áreas para intervenção.** Elaborado a partir da fonte: GoogleMaps, 2012.

Figura 85: A autora. **Organograma dividido em setores.**